

# ZERO

Nº6 - ANO X - FLORIANÓPOLIS, AGOSTO DE 1993 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC

## TECNOLOGIA E ÉTICA: O IMPASSE DA IMPRENSA

*Saiba mais com nosso Caderno Especial*



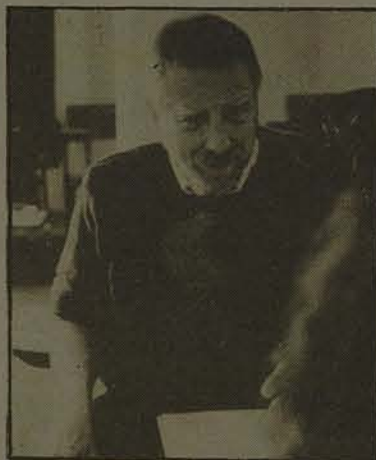
Fotos: Maurício Oliveira — Zero

**OS BALÕES SOBEM E  
DANIELE CAI.  
DOIS REGISTROS**

**OS ENTREVISTADOS**

**FIDEL  
VIRA  
DOUTOR**

Na página 3



Cristiane Miranda — Zero



Ana Carine — Zero

*Bill Johnson e Dimenstein abrem o jogo*

Páginas 4 e 5 e contracapa

**No próximo número: Exclusiva com Zé Hamilton Ribeiro**

# Cara nova. Velha garra

ZERO - AGOSTO 93

# ZERO

Nº 6  
ANO X  
AGOSTO 93  
CURSO de  
JORNALISMO  
CCE — COM

**Melhor  
Peça Gráfica  
I, II, III, IV, V  
Set Universitário  
Maio 88  
Esetembro 89, 90 e 91  
Outubro 92**

Jornal-Laboratório do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina editado pelo Laboratório de Informática

Apoio: Ivana Back, Rosemary Magdaus, Sílvia Pereira  
Arte: Zé da Silva Jr.  
Colaboração: César Valente, Moacyr Pereira, Mário Marona, Aureo Moraes, Carlos Alves Müller, Francisco Karam, Emílio Luisi, Juca Rodrigues.  
Copy-write: Luiz Scotti, Ricardo Barreto

Diagramação: Suyanne Quevedo, Lara de Lima, Ana Paula Pinho, André Barbosa, Sheila Deretti, Giancarlo Proença, Andrea Luswarghi, Sílvia Pereira, Luciane Lemos, Luiz F. Pereira, Janaina Toscan, Jaime Moraes, Michelson Borges  
Direção de redação: professor Ricardo Barreto (MTB 2708/RS)

Edição: Alexandre Gonçalves, Sílvia Pereira, Victor Carlson, Jaime Moraes, José da Silva Júnior, Ana Paula Pinho, Diógenes Botelho, Diógenes Fischer Schwalb, Ivana Cristina Back, Janaina Toscan, Luiz Carlos Festl, Maurício de Lima Oliveira, Meire Bertotti, Sheila Deretti, Sílvia Pereira, Suyanne Quevedo

Editoração eletrônica: Victor Carlson (sênior), Sílvia Pereira  
Fotografia: Maurício Oliveira, Ana Carine, Jaime Moraes, Diógenes Botelho, Cristiane Miranda

Laboratório Fotográfico: Ana Carine, Jaime Moraes  
Secretaria Gráfica: Alexandre Gonçalves, Sílvia Pereira  
Textos: Adriana Martorano, Alessandro da Silva, Claudine Nunes, Diógenes Botelho, Fabiano Melato, Ivana Back, Jaime Moraes, Janaina Toscan, Luiz F. Pereira, Mariano Sena, Maurício Oliveira, Meire Bertotti, Sílvia da Costa Pereira  
Acabamento e impressão: A Notícia

Redação: Curso de Jornalismo (UFSC-CCE-COM), Trindade, CEP 88049-900, Florianópolis/SC  
Telefones: (0482) 31-9215 e 31-9290  
Telex e telefax: (0482) 34-4069  
Distribuição gratuita:  
Circulação dirigida.

**D**epois de longa ausência involuntária, o Zero volta com novo projeto gráfico, uma segunda cor e com a estréia de seu mascote, um papagaio pirata que só enxerga com o olho esquerdo. Parece nada, num país tumultuado por massacres de presos, crianças e índios, assolado pela fome ou por um novo imposto polêmico, o IPMF. Ou até ameaças de golpe, que não nos assustam. Vivemos e amamos uma profissão que convive diariamente com a violência, mas isso não deve fazer-nos perder a capacidade da indignação com o que se passa em nosso país e fora dele. Como detalha o textinho da página 4, em 92 cerca de mil jornalistas foram processados e atualmente 123 estão presos por questões relativas à liberdade de imprensa. Só na América Latina, nos últimos dez anos, 560 jornalistas foram mortos em incidentes de trabalho. Também se matam jornalistas.

O Zero faz o que pode para tentar relatar isso. Mas, no primeiro semestre, à exceção do número de março, foi forçado a não sair devido a um longo

processo de licitação, que exigiu a abertura de quatro disputas de preços, entre março e julho. O excesso de zelo com a lisura se deve às exigências do novo governo federal sobre licitações. Assim, caro leitor, ficamos ausentes todo este tempo mas estamos comprovadamente limpos. Isso não significa menos jornais. Apesar dos prejuízos ao ensino, pesquisa e extensão, nossas oito edições vão ser forjadas todas até dezembro. Até por isso, fica um aviso: nesta semana estará circulando o próximo número, o sétimo do ano 10. E outros mais vibrantes virão.

Por enquanto, faça uma leitura atenta, pois breve você poderá estar sendo entrevistado por nossos alunos para uma pesquisa que pretende avaliar o novo projeto e a essência do jornal, além de traçar um perfil de nosso leitor. Contamos com suas respostas, até por carta. Pra quem gosta de jornalismo, esta edição está farta. Desde o caderno especial sobre o 4: Encontro Internacional de Jornalismo, passando pelas entrevistas de Gilberto Dimenstein e o professor Bill Johnson, o cardápio promete. Saboreie e mande sua opinião. **O Editor**



## FM volta a falar da UFSC

O programa Universidade Aberta voltou a ser apresentado no dia 23 de agosto, às 7h50min, pela Rádio Barriga Verde-FM. Feito por estudantes de jornalismo, o programa segue os mesmos moldes do que era apresentado na extinta rádio União-FM e contará com atrações internacionais. Em sua primeira edição foi apresentada uma entrevista com o cantor e compositor Caetano Veloso.

O Universidade Aberta foi ao ar pela primeira vez em 1991. A idéia de ter um espaço para os estudantes praticarem tudo aquilo que aprendem nas aulas era antiga. Além disso havia a necessidade de se criar um canal de comunicação entre os alunos e a Universidade. Mas segundo a professora e coordenadora do programa, Valci Zuculoto, foi a radionovela que proporcionou a chance de o Universidade Aberta ir ao ar em uma rádio da capital.

O programa, que só saiu do ar porque a União fechou, era produzido por alunos interessados em aprender um pouco mais sobre radiojornalismo. Dos seis que faziam o programa, apenas dois recebiam salário. Valci diz que isso gerou problemas porque o número de pessoas trabalhando no programa nunca era fixo. Muitos largaram o programa para trabalhar em outras áreas, que fossem remuneradas. Mas para esta segunda fase do Universidade

*Primeiro programa estreou dia 23 e teve entrevista com Caetano Veloso direto de Portugal*

Aberta Valci já tomou providências para que o programa tenha um caráter profissional.

A primeira medida tomada foi solicitar ao chefe de departamento de comunicação seis bolsas de trabalho para o programa. Depois, a coordenadora realizou uma série de testes para escolher a equipe de produção. Seis alunos foram selecionados para trabalhar, depois de mostrarem conhecimentos de reportagem em rádio, edição e domínio de textos. Todos vão trabalhar 25 horas por semana, ganhando um salário mínimo.

Em termos de conteúdo e formato, o Universidade Aberta será semelhante ao de sua versão original transmitido pela rádio União FM. O programa tem dez minutos e é dividido em três blocos. Na primeira parte, traz boletins dos repórteres relatando as notícias do campus. No segundo bloco vem o *Papo Cabeça* com uma entrevista de alguma personalidade, de dentro ou fora, da Universidade. Na última parte, o programa dá as dicas com a agenda cultural.

O *Papo Cabeça* contará com a ajuda de um correspondente internacional, o professor Eduardo Meditsch que foi um dos coordenadores do programa em 1991 e agora está em Lisboa fazendo doutorado em radio-jornalismo. Mesmo distante, Eduardo não deixa de trabalhar pelo programa. A entrevista com o cantor Caetano Veloso, que foi apresentada dia 23 de agosto no primeiro programa foi enviado por ele, direto de Portugal. Eduardo já se comprometeu em ser correspondente internacional do Universidade Aberta e enviar, sempre que tiver oportunidade, entrevistas para o programa.

**Atlântida FM** — Além de fazer Universidade Aberta, a equipe de produção do programa vai ter mais trabalho. É que a rádio Atlântida FM, através do apresentador Marcelo Bola, também procurou a professora Valci Zuculoto e demonstrou interesse em trabalhar com estudantes de jornalismo. A rádio quer que a equipe produza uma série sobre os cursos da UFSC.

Estes programas ainda não têm formato definido, mas devem ir ao ar a partir de setembro. "Serão programinhas com uma linguagem jovem e que servirão para orientar os jovens que vão prestar vestibular em 94", conta Valci.

## Luiz Humberto dá curso de extensão em fotografia

O fotógrafo Luiz Humberto Pereira esteve em Florianópolis entre 16 e 20 de agosto ministrando o curso de extensão *Fotografia: o registro do óbvio ou a descoberta do sensível?* Promovido pelo Laboratório de Fotografia e Audiovisual do Departamento de Comunicação o curso foi dirigido a jornalistas, arquitetos, fotógrafos e estudantes de comunicação e arquitetura.

O curso tratou de assuntos que vão desde o ensino da fotografia, os gêneros fotográficos e foto-jornalísticos, a existência do autor, até questões como a verdade, imparcialidade e visão crítica no uso editorial da fotografia. Projetando cerca de mil fotografias Luiz Humberto fez um passeio pela história da foto e dos maiores fotógrafos deste século. Deu também uma panorâmica sobre as revistas ilustradas de todo o mundo e do Brasil e o uso da fotografia nas revistas brasileiras como Realidade, Veja e Isto É.

Luiz Humberto é professor titular de Fotografia na Universidade de Brasília, da qual foi um dos fundadores nos anos 60. Já foi fotógrafo da Editora Abril (revistas Veja, Realidade, Quatro Rodas), e da revista Isto É, além de editor de Fotografia e diretor de arte do Jornal de Brasília. Participou de diversas exposições fotográficas coletivas e individuais no país e no exterior.

# Tá querendo me enganar?

*Falsificação é apresentada como O Catharinense legítimo. Agora é com a Polícia*



O Catharinense que reapareceu no começo deste ano na seção de Obras Raras da Biblioteca Universitária é falso. Esta é uma das conclusões da comissão de sindicância que investigou o roubo do jornal, no relatório final entregue à Procuradoria-Geral da UFSC em meados de julho.

Segundo o Procurador-Geral José Márcio Marques Vieira, um perito será contratado para comprovar a falsidade do jornal. Se não houver alguém capacitado na própria Universidade, a UFSC recorrerá à Polícia Técnica ou à USP, que fez trabalhos semelhantes no caso PC Farias.

São muitas as evidências de que o exemplar é falso. O papel tem textura diferente e está melhor conservado que os jornais da época. O verdadeiro *O Catharinense*, de 1831, não tinha os indícios de fotomontagem (recorte de textos) que aparecem na cópia, nem a assinatura no topo da capa — a mesma encontrada num panfleto alusivo à comemoração dos 87 anos de fundação do próprio *O Catharinense*. Além disso, o original tinha as bor-

das bem mais prejudicadas pelos cupins.

“No lugar de sempre” — O caso *O Catharinense* começou em outubro do ano passado, quando o *Zero* denunciou o desaparecimento do único exemplar conhecido de primeira edição do jornal, o primeiro de Santa Catarina. Na ocasião, o funcionário da Biblioteca Universitária Valadares Alves de Oliveira disse que o roubo teria acontecido três anos antes. A falta do jornal não foi notada porque os interessados só o viam em microfilme.

Os depoimentos dos envolvidos começariam a ser ouvidos pela comissão de inquérito administrativo quando o falso *O Catharinense* apareceu. Ele foi encontrado no dia 4 de janeiro — depois de uma semana de feriado na UFSC —, pela diretora da Biblioteca Universitária, Maria Ghizoni, e outras duas funcionárias, a assistente de direção Beatriz Siedler e a chefe da seção de Coleções Especiais, Ieda Maria de Souza. Logo que as funcionárias abriram um pacote com vários jornais antigos, perce-

beram a ponta do *Catharinense*. O jornal estava dentro de um saco plástico, o que chamou a atenção por se tratar de um procedimento incomum — e inadequado — para obras raras.

A diretora da Biblioteca só resolveu procurar o jornal — que já havia sido exaustivamente procurado — porque o reitor Antônio Diomário de Queiróz contou que haviam dito a ele que *O Catharinense* estaria “no lugar de sempre”.

A informação foi dada ao reitor pelo jornalista Laudelino Sardá, ex-editor de Opinião do Diário Catarinense, num encontro que Diomário de Queiróz não lembra como aconteceu nem quanto tempo durou. Sardá é marido de Narcisca de Fátima Amboni, a responsável pelo setor de Obras Raras na época do desaparecimento do jornal, que foi acusada por Valadares Alves de Oliveira de ocultar o roubo. Quando Sardá conversou com o reitor, Narcisca já não trabalhava na Biblioteca havia quase dois anos.

Maurício Oliveira

## Fidel Castro vira doutor

*Título homenageia povo cubano pelos avanços nas questões sociais*

O Conselho Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina aprovou, dia 29 de julho, a concessão do título de “Doutor Honoris Causa” ao presidente Fidel Castro. O título é uma homenagem ao povo cubano pelo trabalho desenvolvido nas áreas de saúde, educação, ciência e tecnologia. Várias entidades, como a Andes, Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior, enviaram manifestações elogiando a iniciativa da universidade.

A idéia de homenagear Fidel partiu de conversas entre professores do Centro de Filosofia e Ciências Humanas e do Centro de Educação. Três professores da UFSC estiveram em Cuba, no início do ano, para o Congresso Pedagogia 93, e voltaram impressionados com os avanços do país na área social. A proposta inicial, foi aprovada em assembleia geral do CFH e levada ao CUn pelo diretor do Centro Luís Fernando Scheibe.

Após duas horas e meia de discussão, o Conselho decidiu, por 31 votos contra 6, conceder o título ao presidente cubano. A vice-reitora Nilcéia Pelandré, que presidiu a sessão destacou que esta foi uma “decisão histórica” para a UFSC. Já o ex-reitor professor Bruno Schlemper, acha que a justificativa do título não está de acordo com o estatuto da UFSC. Segundo o artigo 66 do regimento da UFSC, o título é concedido “a profissionais de alto mérito e personalidades eminentes”. “Neste caso, a homenagem é feita ao povo cubano, e não atribui nenhum mérito particular a Fidel”, ressalta Schlemper.

O fato repercutiu em diversos setores, inclusive no governo. A Andes aprovou no 26º Congresso Nacional dos Docentes, realizado no início de julho, uma moção de apoio à



Decisão do CUn provoca polêmica na UFSC

UFSC pela “atitude inédita”. A embaixada de Cuba e o Ministério das Relações Exteriores também enviaram manifestações favoráveis ao reitor Diomário Queirós. “Devemos prestigiar valores universais, como a liderança de Fidel e a resistência e autonomia do povo cubano, apesar das pressões de uma potência como os EUA”, diz Diomário.

Um dos principais motivos que levou a universidade a conceder o título é o avanço que o país tem conseguido nas questões sociais. Em Cuba, 98% das crianças entre 6 e 14 anos vão à escola e 98% também continuam seus estudos após se formar no sexto e nono ano. Médicos e enfermeiras são mantidos pelo governo para prestar assistência gratuita nas escolas.

Ao sair de qualquer curso de nível superior, o estudante cubano

tem seu emprego praticamente garantido. A faculdade de Medicina é cursada em hospitais, e está na esfera do Ministério da Saúde, e não no da Educação. O curso de Agronomia fica em fazendas-escola, onde os alunos estudam e trabalham mantidos pelo governo.

Na área da saúde o desenvolvimento também é visível: a taxa de mortalidade infantil de Cuba é de 10,7 a cada mil nascimentos. Nos países escandinavos, onde o problema tem os índices mais baixos do mundo, morrem sete em mil crianças que nascem. No Brasil, o índice já chega a 60/1000. Toda a população cubana dispõe de atendimento hospitalar completo e gratuito. Existe um médico para cada 274 habitantes e um dentista para cada 524.

O destaque no tratamento de doenças de pele levou a Cuba milhares de crianças vítimas do acidente

nuclear de Chernobil. Reconhecidos mundialmente, os médicos cubanos são os que mais avançaram na busca da cura de problemas como o vitiligo. Em ciência e tecnologia, se sobressai a biotecnologia. O país se destaca na produção de vacinas, remédios e insumos para agricultura e pecuária.

O título concedido a Fidel é também um ato de solidariedade ao povo que há mais de trinta anos vive sob o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos. A lei Torricelli, aprovada recentemente pelo senado americano, veta a entrada nos EUA, por seis meses, de todo navio que aportar em Cuba. E ainda proíbe todas as subsidiárias de produtos americanos de negociar com o país. As importações ficaram reduzidas a 25% com o boicote. “A homenagem não é um apoio a todas as atitudes do governo cubano, mas ao seu esforço por dar prioridade às questões sociais mesmo com o bloqueio”, adverte Scheibe.

Fidel não veio a Santa Catarina por motivos de segurança e problemas internos em Cuba, quando esteve no Brasil participando da 3ª Conferência Ibero-Americana de Chefes de Estado e de Governo. A UFSC espera uma próxima viagem do presidente à América do Sul para realizar a entrega do título. Se isso não acontecer até o início do ano que vem, o ministro cubano da Educação Superior virá representar seu presidente.

A universidade já concedeu o título de Doutor Honoris Causa a figuras importantes como o ex-presidente Juscelino Kubitschek, Dom Hélder Câmara, e post-mortem ao deputado Ulysses Guimarães, em março.

Janaina Toscan

## Cuba recebe apoio de jornalistas

O Encontro Ibero-Americano de Jornalistas, ocorrido em Salvador, entre 8 e 10 de julho de 1993, aprovou Moção de Apoio a Cuba, solicitando aos participantes da III Conferência de Cúpula Ibero-Americana (Também em Salvador, de 14 a 16 de julho), uma posição a favor da imediata suspensão do bloqueio econômico norte-americano imposto a Cuba há 34 anos. Os jornalistas, que representaram 9 países (Argentina, México, Cuba, República Dominicana, Equador, Chile, Uruguai, Espanha e Brasil), também denunciaram aos chefes de Estado “a agressão comunicativa que se faz contra a ilha caribenha a partir de 23 emissoras de rádio e TV instaladas em Miami, que transmitem, exclusivamente, programação hostil a Cuba”.

# Americano ensina a fazer TV

Bill deu aulas de telejornalismo a estudantes e profissionais

ZERO - AGOSTO 93

O professor de Comunicação, William Johnson, da Universidade de Wisconsin, (EUA) esteve em Florianópolis entre os dias 26 de maio e 30 de junho. Ele ministrou o curso de telejornalismo aos profissionais das quatro geradoras de televisão de Santa Catarina, aos estudantes e professores do curso de Jornalismo da UFSC. Alternando aulas práticas e teóricas, ele abordou temas como o uso da câmara, iluminação, edição, som e entrevistas.

Bill, como gosta de ser chamado, passou por quase todas as etapas de produção audiovisual em jornalismo. Aos 54 anos, é formado em Comunicação pela Universidade de Minnesota, com mestrado em Ciência em Televisão pelo Brooklyn College de Nova Iorque. A carreira começou, porém, aos 20 anos, como locutor na rádio estudantil da Universidade de Minnesota. Logo depois atuou como jornalista em rádios de várias cidades.

**Z**ero — Bill, você já passou por vários países da América Latina como Equador, Peru, Colômbia e México. Quais as principais diferenças que você viu entre o telejornalismo feito na América Latina e nos Estados Unidos?

Bill Johnson — Creio que uma das principais diferenças é que uma reportagem nos Estados Unidos não tem muito sentido sem imagem. O repórter escreve pensando nas imagens e que sons vai usar. Aqui se pode entender perfeitamente a matéria sem olhar para ela. Parece que se escreve uma reportagem somente para se ouvir as palavras. Quando cheguei ao Brasil fui percebendo que o telejornalismo é passado principalmente por palavras. Não quero dizer que isso é bom ou ruim. É apenas uma característica. Cada país tem a sua própria cultura, a sua maneira de trabalhar. Acontece que nos EUA temos a tradição do cinema, por isso, creio que estamos mais acostumados a contar histórias por imagens.

**Zero — E qual é a forma de se trabalhar na Europa?**

Bill — Na verdade não tenho muita experiência na Europa. Tenho visto algumas matérias da Inglaterra, Grã-Bretanha, e me parece que a forma de trabalhar se parece com a do meu país. Os programas da Rússia não utilizam muito bem a imagem, não pensam que ela é parte da comunicação, apenas que acompanha a notícia em vez de ser a notícia.

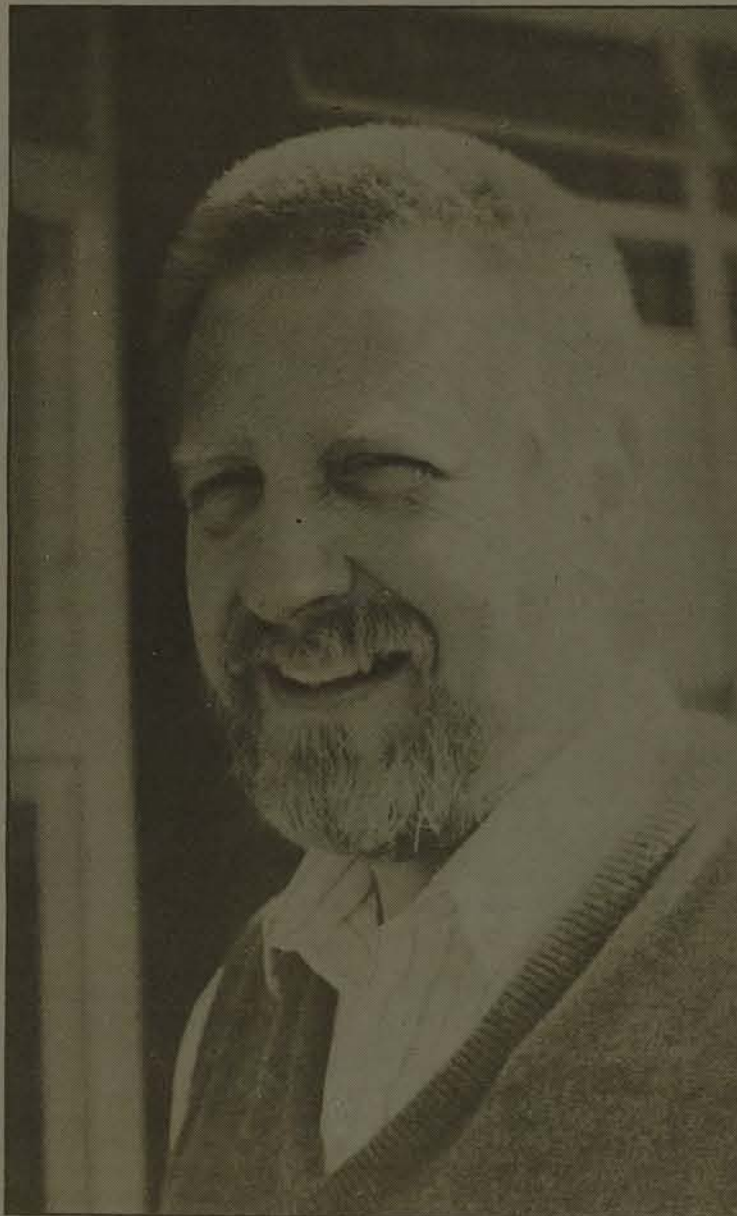
**Zero — Como você direcionou o curso, com essas diferenças?**

Bill — Tenho que pensar: o que vou passar aos brasileiros? Tenho outra experiência muito diferente e também existe a diferença de pensamento do repórter daqui e dos Estados Unidos.

Quase sempre ligado a emissoras de televisão vinculadas a estudantes, foi cinegrafista, repórter, diretor de notícias e produtor.

Participou ainda, em 1960 de um corpo de paz, organização de voluntários que instalou televisões educativas em escolas primárias na Colômbia. Fez free-lancer para as redes locais, em produtora independente e chegou a fundar uma casa cultural ao norte de Nova Iorque. Desde 1980 trabalha como professor, primeiro em Illinois e depois em Wisconsin. "Dando aula nessa Universidade pude, finalmente, morar com minha esposa, depois de sete anos em cidades diferentes".

Nessa entrevista ao Zero, em português, Bill conta um pouco sobre telejornalismo, escolas de comunicação e o papel da imagem na TV. Calmo, ele fala com cuidado, buscando na memória as palavras que fazem sentido em português.



Bill Johnson pretende voltar à Florianópolis

Creio que estou tentando passar a teoria da comunicação, como funciona. Como funciona? Funciona como uma transação, porque o comunicador está trabalhando para comunicar, tem algo em mente. O telespectador também tem motivos para se comunicar. Ele quer aprender algo, busca informações, tenta de-

codificar as imagens. A responsabilidade do comunicador é passar a mensagem de uma maneira que se entenda bem e quando as imagens são bem utilizadas, a comunicação é mais completa. Estou buscando transmitir como utilizar os símbolos: palavras, sons e imagens, de forma natural.

**Zero — Que outras diferenças existem no formato dos telejornais do Brasil e dos Estados Unidos?**

Bill — São muito parecidos. O programa de Boris Casoy, falado de Boris porque este é o programa que tenho disponível em minha casa, ele é parecido. Claro que tem mais comentário, análises, com uma perspectiva. Boris tem uma perspectiva, é único. As diferenças são de estilo mais que tudo. Os jornais nacionais do Estados Unidos tem um apresentador ou dois. Os jornais locais utilizam dois, três, ou quatro apresentadores, dois deles são âncoras. Na realidade não sou esperto nessas coisas. Posso dizer apenas as impressões que tenho.

**Zero — O professor de ética, Philip Meyer, de Carolina do Norte, afirmou em entrevista à revista Comunicação, que os noticiários televisivos, em geral, são entretenimento. Você concorda com ele?**

Bill — Sim, tem razão. Às vezes sim, mas deve haver um equilíbrio entre entretenimento e notícia. Um jornal (impresso) tem seu entretenimento também, não? Um jornal diário não é toda notícia séria, mas claro que tem que haver um equilíbrio.

*Nos EUA, pouca gente lê jornais, ficam apenas nos telejornais. Isso é uma tristeza*

**Zero — Qual a maior preocupação hoje em dia na televisão: o conteúdo ou a forma de apresentar esse conteúdo?**

Bill — Para mim, na realidade, uma preocupação é a mistura de ficção com realidade. Às vezes não se nota a diferença, esse é o problema. A questão não é o estilo, é a mistura com ficção. Isso pode passar uma idéia falsa ao telespectador, pode confundir-lo. Ele não vai saber o que é um e o que é outro.

**Zero — O jornalismo investigativo tem espaço nos telejornais?**

Bill — Em alguns programas, nos jornais de vez em quando. Já o programa Sixty Minutes é investigativo. Ele passa uma vez por semana e a idéia é investigar os interesses públicos: se os interesses privados de uma companhia estão ganhando através dos interesses públicos, então se investiga. Isso é importante, é uma das funções dos meios, tanto televisão, como jornal, revista ou outro meio de comunicação de massa.

**Zero — O telejornal é o principal meio de comunicação nos Estados Unidos?**

Bill — Sim, muita gente não lê periódicos. Isso é uma tristeza porque há coisas que um tele-

## América mata mais de 500 jornalistas

Na guerra da ex-Iugoslávia morreram 38 jornalistas em apenas 12 meses e durante todo o ano de 1992 foram assassinados 62 em todo o mundo. A denúncia foi feita, no início de agosto, por Jaime Reixach I Riba, presidente na Espanha da organização Repórteres Sem Fronteiras.

Reixach participou do seminário Liberdade de Expressão e Direitos Humanos, organizado pela Universidade de Cantábria, na Espanha. Na ocasião ele denunciou a manipulação que se exerce sobre a imprensa nas repúblicas da ex-Iugoslávia. Na Sérvia e na Croácia a imprensa vem sendo usada "como arma de guerra e para incitar o ódio racial".

De acordo com Reixach durante o ano de 1992 cerca de mil jornalistas foram processados e atualmente 123 se encontram na prisão por motivos relacionados à liberdade de imprensa. Só na América Latina, nos últimos dez anos, 560 jornalistas morreram enquanto realizavam seu trabalho. Reixach citou o caso do fotógrafo espanhol Juanxu Rodriguez assassinado pelos fuzileiros navais americanos durante a invasão do Panamá, em 1989.

jornal não pode fazer. Certos tipos de idéias são melhores em jornais porque eles têm mais espaço e podem utilizar diferentes símbolos para comunicar idéias abstratas como, por exemplo, economia. Às vezes a televisão não é suficiente.

**Zero** — No Brasil existe uma polêmica sobre a obrigatoriedade do diploma para exercer a profissão, atualmente ele é obrigatório. O que você pensa sobre essa polêmica, já que nos EUA a profissão não é regulamentada?

**Bill** — Bem, claro que é importante que uma pessoa esteja bem preparada para entrar na profissão e se não tem diploma, nem experiência, não vai conseguir trabalho, é muito difícil. Para nós não é necessário conseguir diploma por uma questão de tradição dos EUA. Na Constituição temos a 1ª emenda que diz "não se pode colocar nenhuma barreira do Estado frente a liberdade de comunicar o que quiser". Então, se uma política nacional licenciar os comunicadores, isso será uma barreira. Mas claro, tanto como professor, como pessoa com experiência no mundo da comunicação comercial e universitária, penso que uma pessoa sem boa formação não vai conseguir comunicar efetivamente. Mas... não sei, se deve ser obrigatório eu estou mais ou

semana. Assim quando os estudantes saem da Universidade têm uma mostra do seu trabalho. Mais ou menos 30% conseguem arranjar emprego logo que se formam. Há também os estágios, os melhores alunos conseguem estágios.

**Zero** — Quanto ganha um jornalista em início de carreira?

**Bill** — Menos que os outros. Cerca de 15 a 18 mil dólares por ano. É pouco, tem que amar a profissão. Algum dia pode subir, mas a princípio não ganha muito (risos). Isso é uma tristeza...

**Zero** — Os professores precisam ter experiência profissional?

**Bill** — Depende da disciplina que ensine. No meu caso, tenho, mas há outros professores muito bons que não têm muita experiência. A maioria tem três, quatro, cinco, dez anos. Bem... a Universidade tem duas obrigações: preparar os estudantes profissionais, ok. Mas também tem a obrigação de preparar os estudantes para uma profissão que vai durar a vida toda. Então é preciso a teoria, porque as coisas que estou ensinando, com câmeras e tudo isso, em cinco anos não vão mais servir por causa da

tecnologia e também porque a profissão está caminhando. E ela necessita de professores para

*A teoria no ensino do jornalismo é necessária. Não há nada mais prático que uma boa teoria*

vigiar toda a carreira e ver quais são as indicações, para aonde vai a profissão em cinco, vinte, trinta anos, o futuro. Quem pode analisar o que está se passando no mundo? Professores que tenham experiência em análise. Às vezes, se a pessoa só tem a experiência profissional, o seu ponto de vista é estreito, fechado, ela não tem experiência de analisar toda a carreira. E os acadêmicos fazem isso. Não há nada mais prático que uma boa teoria.

**Zero** — A tendência é a especialização ou saber um pouco de tudo?

**Bil** — Na Universidade? Saber um pouco de tudo. Eu sou um exemplo disso, tenho experiência como repórter, cinegrafista, assim eu trabalho. Talvez seja esse o motivo de eu ser professor em vez de repórter profissional. Tenho interesse no processo e em preparar especialistas. Eu posso dar um pouco de minha experiência e também dar uma idéia do quadro inteiro.

**Zero** — O que tem mais peso no currículo?

**Bill** — Depende do graduado, o geral é mais importante. Com sua experiência, o aluno se especializa mais. Como o médico: tem a formação geral e pouco a pouco, com mais conhecimento se especializa.

**Zero** — Que conselhos você dá ao profissional que está iniciando no jornalismo televisivo?

**Bil** — Tenho sempre que dizer que o mais importante é manter o equilíbrio: equilíbrio entre entretenimento e jornalismo sério, entre imagem, som, narração.

**Entrevista e textos:**  
**Claudine Nunes**

*Lá, um jornalista começa ganhando menos de US\$ 18 mil. É pouco, tem que amar a profissão*

menos contra porque é uma barreira à liberdade de expressão.

**Zero** — Por que você resolveu ser professor?

**Bill** — Para mim é interessante porque depois de trabalhar em vários ramos da televisão e também com estudantes — a mim encanta preparar os estudantes e tenho interesse em teoria da comunicação — então no ambiente universitário pude trabalhar com todas as especialidades. Isto para mim é o mais interessante em televisão. Existem tantas coisas para produzir um programa que essas partes de ciência, arte, me fascinam.

**Zero** — Como está estruturado o ensino de comunicação na Universidade de Wisconsin?

**Bill** — Nós temos um Departamento de Comunicação e dentro dele várias especialidades: rádio e televisão é uma, jornalismo impresso é outra. Em rádio e tv, alguns projetos são produzidos durante a aula e depois os alunos conseguem créditos para trabalhar no canal 6. Esse canal, que funciona em tv a cabo, é transmitido a todas as casas da cidade, além dos dormitórios da Universidade. São produzidos vários tipos de programas, entre eles o noticiário, três vezes por



Alunos que fizeram curso na UFSC são candidatos a intercâmbio

## Alunos podem ir aos EUA

Bill Johnson veio ao Brasil pelo programa Academic Specialist do United States Information Service (USIS). Esse programa é voltado apenas a cursos específicos de curta duração, de no máximo duas e no máximo seis semanas. O USIS possui, ainda, outros programas, como o da Comissão Fulbright, que trouxe ao Curso de Jornalismo o professor Jeffrey Hoff. Esse intercâmbio exige período de permanência maior, no mínimo três meses.

Bill está estudando a possibilidade de intercâmbio entre professores e alunos da UFSC com os da Universidade de Wisconsin. "Seria interessante cerca de oito a dez alunos brasileiros passarem um mês e pou-

co nos EUA estudando e conhecendo os meios de comunicação de lá. Assim como estudantes americanos virem, por um período equivalente, e visitar as televisões daqui, como Globo, Manchete, SBT".

Esse intercâmbio não se encaixa aos oferecidos pelo USIS por causa da curta duração: "não poderia ser pelo Fulbright nem pelo Academic Specialist. Temos que ver que empresas aqui ou nos EUA podem se interessar em financiar um projeto desses".

Condições existem. Bill afirma que o laboratório do curso possui estrutura suficiente para produzir documentários. "Em 1984 eu e meus alunos fizemos um documentário

no México. Foi um projeto auto-financiado. Cada aluno pagou US\$ 1500 e ficamos lá cinco semanas. Penso em produzir algo parecido aqui".

O professor parece animado com a idéia. Ele disse que essa é uma boa oportunidade para a UFSC ampliar programas acadêmicos em outros países. Para eles também "às vezes os estudantes americanos pensam que metade do mundo está nos EUA. Quero mostrar-lhes que há outras formas de produção em outros lugares".

Pela segunda vez na capital, o professor gostou da comida e das praias e garante que vai voltar, "quem sabe para morar".

## Jornalistas elegem novo presidente

O jornalista Sérgio Murillo de Andrade é o novo presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina. As eleições foram nos dias 11 e 12 de agosto e a chapa única, composta por 27 integrantes, obteve 248 votos dos 267 eleitores. Sérgio Murillo, formado pela UFSC em 1983, é também vice-presidente da Federação Nacional dos Jornalistas para a região sul, um dos coordenadores do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação e assessor do vice-prefeito de Florianópolis, Afrânio Boppré. Representa o Sindicato, ainda, junto ao Colegiado do Curso de Jornalismo da UFSC. Os professores Aureo Moraes, Valci Zuculoto e Maria José Baldessar integram a chapa. A posse está marcada para 25 de setembro.

# Festa nos céus de Torres

ZERO - AGOSTO 93

*Balões fazem a alegria dos moradores da praia gaúcha no maior festival da América Latina*



*Sobem juntos, ficam ao sabor do vento e acabam pousando nos lugares mais insólitos*



Fotos: Maurício Oliveira — Zero

*Os balonistas perseguem a "raposa" na modalidade inventada no Brasil e inovada em Torres*



Os meninos que jogavam bola ao lado da igreja não podiam conter a excitação: um enorme balão havia pousado bem no meio do campinho, num espetáculo digno de abertura de Copa do Mundo. Coisas desse tipo têm acontecido no balneário gaúcho de Torres, na divisa com Santa Catarina, que há cinco anos promove o maior festival de balonismo da América Latina.

Os balões são pouco dirigíveis e, ficando praticamente à mercê do vento, acabam muitas vezes descendo em lugares insólitos. Em Torres, eles já caíram no mar, ficaram enroscados em fios e árvores e destruíram canteiros. Mas isso não é problema: "o pessoal daqui torce pro balão passar bem perto da casa", diz o dentista Manoel Nora Neto. "Se levar a chaminé, melhor ainda: é assunto pro

ano todo".

Mas quem pensa que a vida de balonista é um mar de rosas dos ventos está enganado. As seis horas da manhã, as equipes já estão a caminho do aeroporto, a dois quilômetros do centro da cidade. Nas pick-ups, o balão de nylon, dobrado, cabe na cesta dos passageiros. A cidade é então acordada pela tradicional "alvorada festiva": buzinas, gritos e o inconfundível ruído do lança-chamas, que mais tarde irá abastecer o balão com ar quente durante o voo.

**Mal de Chagas** — Já no gramado do aeroporto, a primeira coisa a fazer é conferir o boletim da meteorologia. Na véspera do festival, uma quarta-feira, foi divulgada a previsão para todo o fim-de-semana, que acabou se confirmando: céu claro e vento fraco, condições ideais para o balonismo.

Só na tarde do último dia do festival, domingo, 2 de maio, o tempo ficou nublado, impedindo a realização da "prova da chave". A chave de um Logus zero quilômetro seria colocada no alto de um mastro de treze metros de altura e o balonista que, largando de um ponto de três quilômetros de distância, conseguisse pegá-la numa única tentativa, levaria o carro. No ano passado, apesar da dificuldade, esta prova foi cumprida e o vencedor ganhou um Verona.

Outra modalidade é o "fly-in", a mais tradicional dos campeonatos de balão. Como na prova da chave, os balonistas largam há três quilômetros de distância do alvo, estendido no gramado do aeroporto, onde devem soltar a "marca" — uma faixa vermelha de um metro e meio amarrada a um peso de 80 gramas. Alguns quase acertaram na mosca, mas houve quem tenha passado distante três quilômetros do alvo.

**Andando nas nuvens** — A modalidade de "caça à raposa", uma invenção brasileira, já era interessante e ficou ainda mais. Como o nome sugere, um balão sai na frente e os outros o perseguem. Quem entregar primeiro a "marca" ao balonista da "raposa" vence a competição. Desta vez, a prova teve uma inovação: a "marca" teria que ser entregue ao balonista que estava em cima do balão.

Não se tem notícia de loucura idêntica em todo o mundo. Quem viajou em cima da "raposa", uma réplica de lata de cerveja, foi o mineiro Lincoln Freire. "É maravilhoso, mas dá uma vertigem incrível", conta Lincoln, que chegou ao luxo de levar uma cadeira de praia para aumentar o conforto, embora tenha ficado o tempo todo em pé.

Mesmo amarrado ao balão, ele pôde circular pelos doze metros de diâmetro que tinha à disposição. A sensação, disse, é bem próxima à de andar nas nuvens.

**Festa Iluminada** — Além da lata de cerveja — que tinha a bem-humorada alteração "conteúdo 3.000.000!" —, havia um outro balão de formato diferente do tradicional entre os dezessete participantes brasileiros e os dois convidados especiais da Argentina: "Yan", um palhaço de trinta metros de altura, o maior balão do festival, construído pelo próprio balonista especialmente para fazer o seu voo inaugural em Torres.

Mesmo sendo feito "em casa" como Yan, um balão não sai por menos de US\$ 20 mil.

Cada equipe tem quatro componentes inscritos, embora o staff seja geralmente maior. Na cesta, só embarcam piloto e navegador. Os outros acompanham por terra, com a missão de trazer o balão de volta na pick-up.

A agitação trazida pelo festival de balonismo proporciona a promoção de eventos paralelos. Este ano, houve torneio de pesca, provas de supercross e shows de música, com destaque para o reggae de Jimmy Cliff e do conjunto mineiro Skank. No aeroporto, enquanto os balões eram enchidos, aviões faziam acrobacias, disputando o espaço com asas-deltas e ultraleves.

Mas quando os balões subiam, o céu era só deles. Os coadjuvantes se contentavam, então, com o chão: era a vez da capoeira, da ginástica aeróbica, das danças gaúchas. À noite, havia o show de balões iluminados. O espetáculo fascina: os lança-chamas, acionados na completa escuridão, fazem lembrar balões de São João gigantes.

**Maurício Oliveira**



*Às seis horas da manhã os balonistas já estavam na pista do aeroporto, prontos para sobrevoarem as belas paisagens de Torres*

# Tecnologia inova mas mídia impressa tem seu espaço garantido

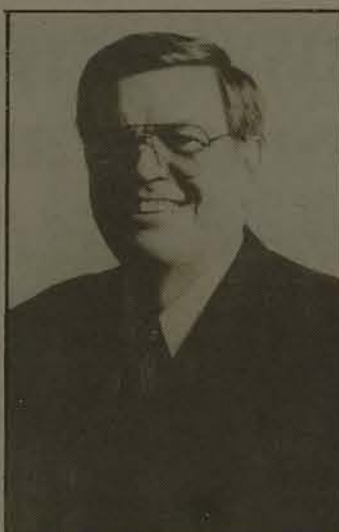
Foi preciso que um senhor grisalho, com cara de americano e jeitão de caipira subisse no palco do 4<sup>o</sup> Encontro Internacional de Jornalismo da IBM para que alguma coisa interessante fosse dita a uma platéia de cerca de 400 coleguinhas de todo o Brasil: "Os jornais não estão morrendo", ele afirmou, para presumível desgosto de muito jornalista que vive apregoando o contrário, com mórbido prazer. Parece que virou moda jornalista em fim de carreira ou boboca recém formado defender a tese de que as novas tecnologias vão sepultar os jornais. "Quem vai querer comprar um jornal, se bastará acionar um tecla do computador pessoal (estes McLuhan de pouca leitura preferem a expressão "Acessar") para receber em casa, na tela, todas as notícias importantes?"

O caipira americano — na verdade Uzal Martz Jr., secretário e chairman Internacional de Newspaper Association of America, uma espécie de ANJ

americana, já não tem tempo de discordar das previsões sombrias dos velhos homens de imprensa. Ele tem mais o que fazer. Por exemplo: construir novas maneiras de fazer com que a informação chegue aos leitores. Presidente da Pootsville Republican e editor-chefe do jornal desta empresa, Uzal implantou um sistema de fornecimento de notícias pelo telefone que está virando mania na imprensa americana. E que fique bem claro: a informação por telefone não substitui o jornal.

Pelo contrário, o complemento e só existe como consequência dele. Parte das notícias publicadas no Pootsville Republican tem o desenho de um pequeno telefone, seguido da proposta: "mais informações sobre esse assunto podem ser obtidas através do número tal". O serviço inclui um cardápio variado das chamadas notícias sérias ao material de serviço (horários de filmes, cardápios de restaurantes, preços de liquidações etc.). Como diria aquela mala que namora a Marinara, simpli-

*O público se acostumou: informação de qualidade só no jornal*



Uzal Jr.: tele-notícias

inho, mas bonitinho. E eficiente, a se considerar as milhares de ligações diárias que o jornal recebe. Não é nada de extraordinário diante do mundo que a tecnologia está impondo, mas é uma prova de que jornal impresso e modernidade (perdão) são compatíveis. Uzal Jr. concorda que a tecnologia vai mudar os jornais mas não tem medo. E para quem baba diante de um terminal de computador, para quem macaqueia diante de um software e fica molhadinho quando encara uma fibra ótica, ele desafia: Enganam-se os que pensam que as indústrias de telecomunicações, os conglomerados da eletrônica e as sofisticadas redes de televisão vão substituir os jornais. O que o público vai exigir cada vez mais é a informação de qualidade e o público se acostumou a saber que informação de qualidade é uma especialidade dos jornais.

**Mario Marona**

Editor de Política de O Globo Professor do Curso de Jornalismo da UFSC

Dos limites éticos à multimídia, do jornalismo latino-americano ao europeu, o 4<sup>o</sup> Encontro Internacional de Jornalismo trouxe uma amostra do que acontece na imprensa mundial. O evento, realizado a cada dois anos e promovido pela IBM, reuniu cerca de 400 jornalistas e professores de comunicação no Maksoud Plaza, em São Paulo, entre 16 e 18 de julho. Jornalismo popular, a imprensa na próxima década e os 50 anos de fotojornalismo foram alguns dos temas tratados. Dez jornalistas e um especialista em lei de imprensa foram os conferencistas do encontro. O Zero Especial traz artigos e opiniões sobre as principais discussões.

## El País defende diploma

O jornal El País une-se à Universidade Autónoma de Madrid para criar um Curso de Jornalismo em nível de pós-graduação, exige, naturalmente, curso superior para os candidatos à escola, exige grande conhecimento da língua espanhola, enfim, demonstra todos os cuidados de quem quer manter um curso universitário sério. Ai, no Brasil, o press-release que apresenta o diretor da escola, Jesus de La Serna e sua conferência no encontro da IBM, afirma que tudo isso seria uma demonstração de que "não é imprescindível cursar uma faculdade de Jornalismo para o desempenho da profissão".

O que cansa nesses seminários, congressos, conclaves e convéscotes, é que os ouvintes não querem nem desejam ouvir o que os convidados têm a dizer. Os convidados estão ali, parece, apenas para reafirmar os pontos de vista que a malta local deseja, a todo custo, comprovar.

Pensou-se que uma palestra do diretor da escola de jornalismo do El País jogaria uma pá-de-cal sobre aqueles que ainda teimam, no Brasil, em achar que jornalista precisa ter curso superior, precisa ter uma boa cultura geral, precisa saber escrever e, principalmente, que o jornalismo pode ser ensinado e até aprendido na escola.

Ao contrário das expectativas, Jesus de La Serna, ombudsman de El País, patrono fundador e diretor da escola, começou deixando bem claro que não admitia que o jorna-

lismo fosse exercido por pessoas sem curso superior. Mostrou que sua escola acredita que é possível transmitir o conhecimento do jornalismo através do ensino prático e teórico. E concluiu demonstrando que ensinar jornalismo é muito caro.

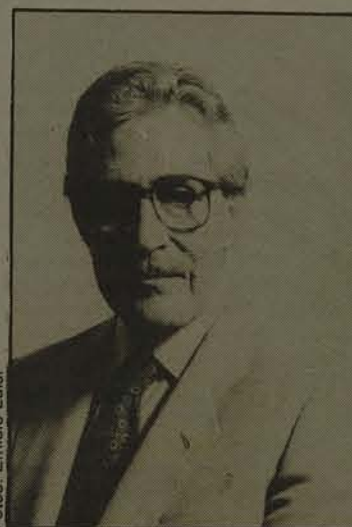
Talvez aí esteja a razão de tanta gente indignar-se com os cursos de jornalismo: é caro ensinar jornalismo.

Escolas particulares e empresas jornalísticas, no Brasil, adorariam poder dormir sem ter que ouvir a palestra de Jesus de La Serna. O El País gastou milhões de dólares para equipar a escola e investe milhares de dólares por ano para mantê-la. Sem contar seus próprios equipamentos, redações e pessoal que, em parte do curso, os alunos utilizam. Isto porque o jornal sente-se responsável pela melhor formação dos profissionais do jornalismo espanhol.

Horror dos horrores, uma empresa privada usar parte de seus lucros nestas obras cujo retorno financeiro é praticamente nenhum. Pavorosa perspectiva: assumir compromissos sociais, responsabilizar-se também pela melhoria de alguma coisa além de suas próprias contas bancárias. Talvez vários dos donos e diretores de empresas jornalísticas que estavam presentes não estivessem tremendo só por causa do frio do ar-condicionado.

La Serna explicou que a escola de jornalismo do El País defende o diploma

*Jornal espanhol tem sua própria escola de jornalismo*



Fotos: Emídio Luisi

ria das escolas de jornalismo espanholas é excessivamente teórica e ministra um número muito grande de disciplinas que a gente aqui chamaria "do tronco comum". Alguns mestres em ciência da informação ou comunicação, depois de anos e anos de estudos, quando colocados diante de uma pauta de um acidente rodoviário comum, corriqueiro, entram em choque, bloqueiam-se a tal ponto que não conseguem produzir uma única linha.

A escola do El País procura consertar isso, fazendo com que toda a teoria — sim, porque é necessário teorizar — nasça da prática.

"Não se dizem as coisas antes, mas durante a prática", afirma. Os professores das disciplinas técnicas ou práticas, não são meros executores de tarefas práticas. São profissionais capazes de realizar a tarefa e, ao acompanhar os alunos que também a realizam, extrair daí a reflexão necessária para que aquilo se transforme em conhecimento e deixe de ser apenas repetição mecânica.

Palestra animadora, inspiradora, para quem pense honestamente sobre o ensino do jornalismo. Palestrinha chifrim para quem ainda acredita que basta um ego enflado e meia dúzia de chavões para fazer um jornalista.

**César Valente**



Jorge Lanata  
Diretor do Página 12



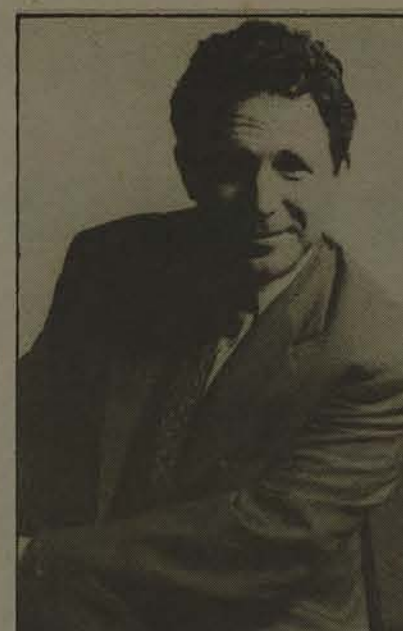
Jim Squires,  
Ex-diretor do Chicago Tribune



John Morris,  
Ex-editor de fotografia do N.Y.T. e Life



Pamela Wallin,  
Ancora do telejornal Prime Time News



Bernard Guetta,  
Ex-correspondente do Le Monde



Stephen Lynas,  
Editor de Notícias do Daily Mirror



Edward Delaney,  
Especialista em Lei de Imprensa



William Tonet,  
Repórter angolano independente

## Imprensa corre atrás de lucro e esquece interesses coletivos

O maior e mais contundente libelo já produzido contra o poder da imprensa norte-americana vem com a assinatura do jornalista Jim Squires, editor do Chicago Tribune, de 1981 e 1989, período em que o jornal conquistou sete prêmios Pulitzer, depois de atuar como editor do Orlando Sentinel. Sua experiência profissional inclui a cobertura de 12 Convenções Nacionais, três eleições presidenciais e atuação na Casa Branca em três governos diferentes. É professor da Universidade de Harvard e trabalhou como porta-voz da Ross Perot na última disputa presidencial. Publicou o livro *Read all about it*, sem tradução no Brasil, com 244 páginas, onde decreta a morte do jornalismo pelo poder econômico dos conglomerados da comunicação.

Num dos capítulos dispara: "Ironicamente, o declínio dos valores jornalísticos ocorre justamente quando a moderna tecnologia de comunicação — a transmissão instantânea de fotografias digitalizadas, via satélite e cabo — criaram condições para que se fizesse o melhor jornalismo. Não tem precedente

na América a capacidade de mídia, hoje, de atingir diretamente a vida das pessoas". Jim Squires salienta que a imprensa foi criada para atuar em defesa do interesse coletivo. Foi e continua sendo uma instituição para proteger a sociedade e a Justiça. Ou deveria sê-lo. Atualmente, controlada por grandes empresas, instituições financeiras e fundos de pensão, a imprensa dos Estados Unidos visa mais o lucro do que o aprimoramento da república e o bem da comunidade.

Citou pesquisas indicando que nos últimos anos a imprensa vem perdendo prestígio e credibilidade e que apenas 19% da população acha que ela cumpre sua missão.

— Esta é a grande mudança dos últimos 30 anos. A imprensa foi salva, mas mudou radicalmente suas relações com o povo e o governo — prosseguiu. A cada quatro anos a Presidência da República é comprada e vendida pela imprensa como um novo produto. Não há relatos jornalísticos sobre os candidatos, mas mensagens publicitárias caríssimas. Cada candidato paga 100 milhões de dólares sendo que 80% dessa despesa destina-se à comerciais e compra de tempo na TV. O jornalista Jim Squires acha que o dinheiro afetou dramaticamente a imprensa, o esporte e a política, desvirtuando-os totalmente.

Deu um exemplo: "Quando os líderes mundiais querem fazer um encontro primeiro buscam acordos com a CNN ou outra rede de TV para transmissão das negociações. Condenou a violência na TV e o excesso de exposição das crianças, revelando que as americanas dedicam 30 horas por semana à televisão e assistem 32 mil comerciais por ano. Indagado sobre limites éticos disse: "Em primeiro lugar, não dá para ser jornalista político, ter atuação político-partidária e cobrir a política".

Considera muito válido o trabalho profissional junto a políticos, porque aprimora os jornalistas no retorno às redações. Eles passam a compreender melhor os fatos e decisões de políticos e governantes.

Moacir Pereira  
Professor do Curso de Jornalismo da UFSC

## Mitos, comunicação e poder

Estes foram os temas discutidos no 4º Encontro Internacional de Jornalismo em SP

A exibição de algumas fotos jornalísticas de alto nível — quem não lembra do soldado fotografado no momento em que era mortalmente ferido durante a Guerra Civil Espanhola ou da menina vietnamita correndo desesperada depois de atingida por um bombardeio com napalm — e algumas reflexões sobre o papel e as perspectivas do fotojornalismo num mundo de paradigmas em crise e em ebulição tecnológica era o que os participantes do 4º Encontro esperavam de John Morris. Ao invés disso, depois de 50 anos de fotografia que incluíram os cargos de editor de Life, The New York Times e da agência Magnum, ele preferiu recorrer a Edward Bellamy, um socialista utópico norte-americano do século passado como base para um discurso sobre a ética e em oposição à Guerra do Golfo e da ex-Iugoslávia.

Com sua voz cansada, Morris parecia Dom Quixote, um cavaleiro de triste figura que, tomado por confusas idéias a respeito do mundo que o cerca, já não consegue sequer empregar as armas que outrora dominou contra os elementos de uma realidade que lhe aparece de maneira fantástica. No essencial, não estava muito distante da dinâmica mas igualmente quixotesca figura desempenhada por Jim Squires, que deixou o cargo de editor-chefe e vice-presidente do Chicago Tribune denunciando que o jornalismo norte-americano passa por uma distorção profunda em decorrência da transformação da imprensa num negócio como qualquer outro. Squires certamente não percebeu que foi ainda mais longe pelos caminhos de La Mancha ao se tornar assessor do candidato independente à presidência dos Estados Unidos com uma plataforma anti-establishment, Ross Perot, assumindo assim, o papel de Sancho Pança de um Quixote pós-moderno.

No outro extremo, Uzal Martz Jr., presidente do Pottsville Republi-



A célebre foto de Robert Capa, feita durante a Guerra Civil Espanhola

can, um pequeno mas muito bem sucedido jornal do interior dos Estados Unidos graças ao uso intensivo de novas tecnologias, era a exuberante imagem do empreendedor disposto a reinventar os jornais — e afirmando que isso não é difícil. Sua crença inquebrantável na técnica, típica do pensamento moderno, valheu-lhe por parte de um ouvinte uma comparação maldosa com o personagem de Flaubert que reinventou a ciência. Com sua aposta no advento de "Jornais Inteligentes que utilizem 'cérebros' tecnológicos para complementar a inteligência humana", Martz não estava muito longe da espetacular apresentação do gerente do Centro de Pesquisas da IBM, Jean Paul Jacob, sobre o impacto da informática sobre a comunicação e a cultura, algo capaz de permitir que se recrie a Mona Lisa, por exemplo.

A meio caminho e cada um a sua maneira e conforme seus propósitos, William Tonet relatou suas peripécias

como repórter na Guerra Civil Angolana: Jorge Lanata apresentou o Página 12, que renovou a imprensa argentina; Bernard Guetta analisou o que dificulta o surgimento de uma imprensa capaz de atender à demanda resultante do processo comunitário europeu; Pamela Wallin defendeu a viabilidade do telejornalismo canadense frente à pressão da espetacularização da informatização e da multiplicação dos canais através das novas tecnologias; Stephen Lynas exibiu o que vem fazendo no Daily Mirror para rejuvenescer o jornalismo popular; Jesus de la Serna expôs o projeto do curso de mestrado em jornalismo desenvolvido pelo Grupo espanhol Prisa, que edita o jornal El País; Enquanto o advogado Edward Delaney sustentou que a tecnologia acabou com a censura no mundo, pregou a busca da verdade como a melhor forma de preservar a liberdade e a ética, sem a necessidade de lei ou códigos. Em comum, eles

tinham a ideológica negação da ideologia e um pragmatismo sem nostalgia, pouco preocupados com a mística fé na tecnologia.

É pouco provável que os organizadores do 4º Encontro tivessem este objetivo ao convidar os palestrantes, mas seu alinhamento nos três blocos acima amarrou as conferências nos limites de um triângulo que encerra comunicação e a existência humana neste final de século marcado pela crise dos paradigmas totalizantes estabelecidos sobre as bases do Iluminismo. A ética, a mística tecnológica e o pragmatismo que faz o possível para se despir de qualquer engajamento ontológico são os vértices deste triângulo que baliza o jornalismo contemporâneo. Também por isso — além do conteúdo específico das conferências — o evento promovido pela IBM foi interessante.

Carlos Alves Müller  
Editor do Jornal da ANI

## Censura e violência na imprensa dos EUA

Temas polêmicos da atual conjuntura brasileira, como violência nos meios de comunicação, direito à informação e princípios éticos da atividade jornalística, predominaram nas palestras e debates do 4º Encontro Internacional de Jornalismo.

Dois conferencistas americanos dedicaram-se mais demoradamente sobre estes temas: o advogado Edward Delaney, especialista em Lei de Imprensa, com larga experiência internacional, e o jornalista Jim Squires, ex-editor do Chicago Tribune, que acaba de publicar um polêmico livro questionando o poder da imprensa nos Estados Unidos.

A primeira observação de Delaney focalizou a estrutura processual e legal norte-americana, diferente da brasileira. Lá os crimes de imprensa são julgados por júris populares, com uma tradição de sentenças duras. Os jornais e jornalistas conseguem se livrar de multas e penas pesadas nos tribunais superiores, sendo que 2/3 das sentenças são por eles anuladas.

A liberdade de imprensa nos Estados Unidos é protegida pela Primeira Emenda, eliminando a hipótese da censura prévia, mas admitindo com rigor a responsabilidade posterior pelos abusos praticados.

Este princípio enquadra-se numa teoria que Delaney classificou de "funcional". É uma liberdade essencial à vida política. Só a imprensa tem o dever de fiscalizar o governo, denunciar, relatar, contentar. Mais: "Somente os jornalistas podem evitar que o governo minta ao povo e controle a imprensa. É da natureza da atividade".

Lembrou que há um grande debate na sociedade sobre a violência nos meios eletrônicos, considerando salutar a decisão das empresas e dos programas mais fortes para que os pais possam orientar seus

filhos. "É uma forma de impedir propostas de aplicação da censura".

Edward Delaney identifica duas ameaças à liberdade de imprensa: "1 — A crença equivocada dos jornalistas de que suas obrigações estão ligadas a partidos, ideologias, culturas e religiões". Os jornalistas americanos não participam de nenhuma causa, o que deu ao editor do Washington Post até o direito de não votar. "2 — A busca de prestígio e popularidade, ou seja, o risco de publicar fatos pra ficar bem com os eleitores. Este não é o trabalho jornalístico. O dever do jornalista é ser justo, preciso, verdadeiro e honesto".

Outra tese apresentada no encontro focalizou o processo de mudança na União Soviética, sustentando que tudo começou pela TV. Acha que há sempre uma carga de informação, que muda consciências e altera o comportamento político dos telespectadores, em programas de entretenimento.

Sobre violência na TV: "Não podemos filtrar a divulgação de atos de violência. Esta é a realidade. Filtrar a reportagem sobre violência significa filtrar a verdade".

Indagado sobre processos em que juízes e ministros condenem jornalistas em represália por denúncias do Poder Judiciário: "As decisões corporativas são sempre lamentáveis. Os jornalistas não podem ficar com medo de ninguém e de nenhum Poder. O que eles tem que fazer é disparar mais tinta na Justiça".

Ofereceu a receita para os novos repórteres: "Eles devem ter alma, coração, sentimentos. E, sobretudo, o dever de informar, não de convencer. A sua missão é relatar os fatos aos leitores. Publiquem a verdade. Nenhuma profissão tem o dever de ser objetivo, senão a dos jornalistas".

Moacir Pereira



# LSD completa 50 anos

*Inglêses fazem festa para comemorar data da primeira viagem de ácido*



Hofmann descobriu a droga por acaso

Londres é hoje a capital mundial do LSD. Os números da alfândega britânica mostram que as apreensões da droga no país aumentaram de 40 mil doses em 1988 para 152 mil em 1992. O LSD só perde para a maconha, o que mostra que a "onda" neo-hippie não trouxe de volta só as calças boca-de-sino. Além de potente, o LSD é uma ótima alternativa para os tempos de recessão. Enquanto um baseado (cigarro de maconha) custa US\$ 10 e um tablete de Ecstasy varia de US\$ 23 a US\$ 38, o LSD aparece ao módico preço de US\$ 6.

Os 50 anos da primeira "viagem" de LSD mereceram até comemoração. Fraser Clarke, editor da revista *underground* "Evolucion" e adepto fervoroso do LSD organizou uma festa no Hyde Park, em Londres. Só que enquanto a galera viajava no "abstrato" a polícia apareceu com seus palpáveis cacetetes prometendo uma passagem só de ida para o "xadrez".

Enquanto alguns "viajam", outros pesquisam. O doutor Stanislaw Grof, médico psiquiatra, estuda há décadas a possível utilização do LSD para a exploração do inconsciente humano. Ele defende o uso da droga por pessoas treinadas e "habilitadas". Este estudo, de acordo com o Dr. Grof, vem colaborar com o avanço científico na área do estudo da mente humana. Suas "cobaías" já chegaram a relatar em suas "viagens" al-

guns contatos intra-uterinos. Com o avanço da pesquisa o Dr. Grof está prestes a derrubar a afirmação de Freud de que não é possível o processo de memorização durante a fase de gestação. E ele tem a licença para usar o LSD em suas pesquisas por tempo indeterminado.

Hoje, 50 anos após a primeira "viagem", o LSD (Dietilamina do ácido lisérgico) volta a cena embalado pelo renascimento hippie mundial. O "ácido" foi descoberto por acaso em 1938 pelo químico suíço Albert Hofmann que pesquisava um novo remédio para o tratamento de dores de cabeça. Mostrando-se ineficaz no combate a doença sua fórmula ficou esquecida até 16 de abril de 1943, quando Hofmann retomou a experiência e ingeriu acidentalmente uma pequena quantidade de LSD.

O que inicialmente seria um inofensivo analgésico mostrou as suas primeiras características, que foram relatadas por Hofmann em seu diário: "Sexta-feira passada tive que interromper o meu trabalho e ir para casa no meio da tarde. Deitei-me e mergulhei numa agradável embriaguez caracterizada por extrema atividade da imaginação. Comecei a perceber uma torrente de imagens fantásticas de extrema plasticidade e nitidez acompanhada de um caleidoscópico jogo de cores".

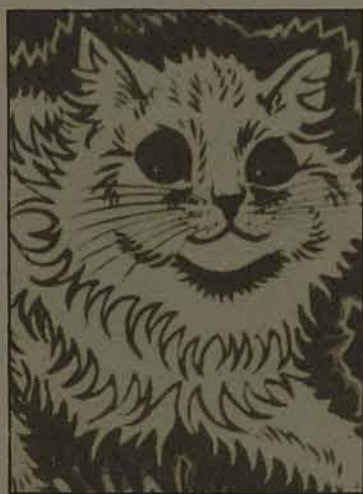
Diógenes Botelho



Um microponto derruba quatro cabeças



A alucinação



A imagem real

## Florianópolis ganha novo alternativo

"Nós vamos virar Floripa de cabeça para baixo". Esta foi a primeira declaração de Emerson Gasperin, um dos editores do jornal *Futio-Indispensável*, que foi lançado no dia 23 de julho, durante uma grande festa, no bar Kasbah, em Florianópolis. Este é o segundo número do jornal, que seus editores, Frank Maia, e Emerson Gasperin, resolveram batizar de número 1.

O *Futio*, impresso em papel offset e formato tablete, é um projeto de conclusão do Curso de Jornalismo da UFSC e é editado pela Futiografx/CV Editora. "O *Futio* é um jornal o seguinte: até a galera tá achando que ele vai ser um jornal de som, mas não é. É um jornal de cultura de Florianópolis, cultura que não tem no jornal. Tu não lê matéria sobre o Dazaranha, ou o Rock Garagem no jornal. O *Futio* é cultura com "C" minúsculo, a cultura da rua, coisa que os suplementos dos jornais daqui não estão acostumados a fazer matérias", explica Emerson.

Enquanto a festa rolava, uma multidão ia se formando na porta do bar: todo mundo queria entrar de gra-

ça. Quando descobriram que a entrada era apenas cem mil cruzeiros, o bar ficou lotado. A multidão vibrou com os shows das bandas Coronel Johnson e Dazaranha. "Essa festa é bem diferente de tudo o que eu já tinha participado. Antes de chegar aqui, eu achava que já tinha visto de tudo na vida", confessa Luis Paulo, 15 anos, estudante.

O Coronel Johnson é uma banda de Blues e Black Music, está entrando agora no mercado. Faz covers de Jimi Hendrix e Muddy Waters, entre outros. "O nosso futuro é promissor: nós queremos backing vocals, naipes de metais e teclado. Por enquanto a gente tá rolando um blues mais básico", diz Ulisses o guitarrista e estudante de Jornalismo. O Dazaranha já está se tornando bastante conhecido na Ilha. Eles fazem um som tipicamente nativo e muito original. "O Dazaranha é nota onze, é som de primeiro mundo. Muito criativo", elogia Marta Moritz, fotógrafa. "O sucesso do *Futio* já era esperado, mas arrasou", emenda.

O *Futio* está trazendo nesta edição a matéria central sobre o Dazar-

anha, a banda que está tocando aqui hoje, e promete arrasar", diz Frank Maia, editor do jornal. "O *Futio* trata de curiosidades curiosas. Este número tá trazendo o centenário da calcinha, na coluna 'Bottom de Marketing' tem o Rodela Cabeleireiro. Tem uma página inteira de um quadrinista daqui de Florianópolis, que é o Zé Dassilva.

O *Futio* tá aqui para prestigiar o que não se fala na grande imprensa. Nós trazemos duas páginas sobre o Dorsal Atlântica (Banda trash-metal carioca), que veio pra cá e foi simplesmente ignorado pelos jornais, mas o *Futio* teve lá e cobriu o show. A gente viu que tem público para esse pessoal. Muita gente consome esse tipo de coisa, por isso o *Futio* é comercial e é 'underground'".

O *Futio* tem a tiragem de três mil exemplares e a sua distribuição é gratuita. Pode ser encontrado nas bancas de jornais da cidade, e em algumas lojas de discos.

Adriana Martorano

## Jornalismo em mesa de bar



Fanzine de luxo da Ilha

Entre um gole e outro muita gente se engasgou com a última edição do jornal de bar *De Olho na Ilha*. Tratando de assuntos polêmicos, ele vem se firmando no mercado e já ocupa as mesas dos melhores bares de Florianópolis. O jornal é um projeto de conclusão da aluna Alessandra Meinicke e conta com a colaboração de sete alunos do Curso de Jornalismo da UFSC. "Eu achei melhor não esperar o término do curso para arranjar um emprego. Criei o meu próprio negócio e estou batalhando por um espaço". O jornal trata de assuntos variados. A coluna de som comenta os últimos lançamentos e dá cobertura para a música da cidade. O grupo local Dazaranha inaugurou o espaço. O folclore também tem espaço e Franklin Cascaes foi um dos destaques da última edição. Para os naturalistas está garantido o espaço ecológico por onde já passaram os botos e o ecoturismo. A cultura fica por conta de vídeos e cinema. As opções de lazer não escapam da Agenda. Os assuntos polêmicos na coluna Na Mira. O terceiro número sai no final de agosto.

# Show multimídia mostra a informática sem limites

ZERO - AGOSTO 93



4<sup>th</sup> INTERNATIONAL CONFERENCE OF JOURNALISM  
4<sup>o</sup> ENCUENTRO INTERNACIONAL DE PERIODISMO

**M**oacir Pereira e eu, sorridentes, lado a lado, imortalizados no show multimídia da IBM. Tá certo, mostraram fotos de quase todos os participantes, mas a nossa foto estava lá, bem no meio, grande, enquanto ao redor dezenas de fotinhos se revezavam como um caleidoscópio da bajulação. Ficamos quase dez segundos ali, no meio do telão, sorrindo para as 400 pessoas que certamente se indagavam, "que rapazes simpáticos são aqueles?"

Claro que foi o encerramento, com chave de ouro, do encontro da IBM. Jean Paul Jacob, gerente de pesquisas do Centro de Pesquisas da IBM

*Indústria de computadores dobra a capacidade de processamento a cada 18 meses*

em Almadén, na Califórnia (EUA), um brasileiro cheio de piadinhas, emendando uma tiradinha espirituosa atrás de cada frase, tratou de mostrar as novidades de sua empresa. Usando seu talento de animador de auditório montou um show onde, basicamente, disse para onde vamos e quais são os limites ainda existentes.

A roupagem digamos descontraída, pode ter ajudado um pouco aos mais distraídos, mas atrapalhou quem gostaria de saber mais: o tempo ficou curto com tanta piada. E o ponto mais baixo da apresentação foi, justamente, aquele anunciado como a grande atração: o show multimídia.

**Colagem sem graça** — Desde o início do encontro, Jean Paul e seus auxiliares circulavam com uma pequena câmara fotográfica, registrando poses dos participantes. A câmara não usa filme, usa um disquete, parecido com os disquetes de 3 polegadas de computador, só que com a metade do tamanho. As fotos são batidas normalmente, com flash ou não (a câmara é realmente muito pequena, cabe dentro da

mão). E quando o disquete fica cheio é só colocar outro e continuar a fotografar.

Este material é passado para um computador (olha o comercial um PS/2 IBM, lógico) e as fotos são manipuladas como qualquer arquivo. No caso, foram colocadas — como faríamos com slides — junto com uma trilha sonora para mostrar um jornal multimídia.

Abre-se na tela o que Jean Paul jura que seria a primeira página de um jornal. A gente acredita. Ele aperta com o dedo em cada uma das "matérias" e isto inicia o que seria uma "reportagem", com as fotos, sons, etc. Tudo sem usar vídeo-tape, compact-disc ou qualquer outra forma de armazenamento além do disco-rígido do computador (normalmente conhecido por winchester).

Tudo muito interessante, não fosse o enorme amadorismo dos funcionários e funcionárias da IBM-Brasil que montaram o showzinho. Parecia filme caseiro. Sabe aqueles do natal, do aniversário de três anos do caçula? Pois é, serviu para mostrar que não adianta ter recurso tecnológico se não se sabe como fazer as coisas ficarem bonitas, atraentes. Faltou arte.

Não que esteja reclamando, afinal, se tivesse sido montado com mais talento talvez Moacir Pereira e eu não tivéssemos ficado tanto tempo, tão grandes e salientes, diante de todo aquele pessoal importante.

**Além das perfumarias** — Fora a pirotecnia, que no fundo não passa da nova forma daquelas cobras que os camelôs de antigamente sempre traziam e a que de vez em quando se referiam enquanto iam passando sua mensagem comercial à platéia atenta, a palestra do pesquisador da IBM teve seus momentos de informação e de novidades.

O principal foi a informação de que a indústria de informática vai continuar dobrando a capacidade de processamento a cada dezoito meses. Isto é uma coisa fantástica e sem paralelo em nenhum outro ramo industrial. A cada ano e meio o seu computador de última geração é superado por uma máquina capaz de processar informações com o dobro da velocidade.

Claro que há limites. Parece impossível criar circuitos menores que os atuais. Parece, mas não é. Há tecnologia, usando raios-x e máquinas por enquanto muito caras (tão caras que a IBM precisou associar-se à Hitachi para poder construir uma), que rompem essa barreira microscópica. E outros limites, por enquanto, não são visíveis.

Também vai continuar a tendência de barateamento tanto das máquinas quanto da armazenagem de dados.

A partir daí, tudo é possível. As tendências indicam a superação, em breve, do teclado. Considerada uma peça anacrônica, que mais atrapalha do que ajuda, as pesquisas estão muito preocupadas na sua eliminação. Não foi por acaso que o PS/2 que Jean Paul usou em sua apresentação não tinha teclado. Tinha uma tela sensível, que obedecia ao toque de seus dedos. Assim como hoje é comum usarmos o mouse para movermos um cursor até determinado ponto na tela e depois acionarmos a tecla do mouse para acionar um comando, todo esse trabalho será simplificado. Simplesmente acionamos o comando com o dedo na tela.

A voz também está sendo estudada como forma de comandar a máquina. Esbarra em dificuldades enormes não só para o reconhecimento dos



Emílio Luisi — Fotografia

**J.P.J.: piadas em excesso**

sons, mas também para o reconhecimento das entonações e dos sentidos. Em todas as línguas há várias palavras com sonoridade semelhante e sentidos diversos. Isto sem falar das diferentes contextualizações que alteram ainda mais o significado de sons e palavras.

Mas a IBM espera, dentro de algum tempo, poder unir a tecnologia do telefone celular ao computador e criar uma máquina portátil de grande versatilidade: uma mistura de bloco de notas, banco de dados, telefone, fax, vídeo-tape, central de jogos, processador de textos, o que seja.

Hoje, mesmo aqui em Florianópolis, qualquer computador pode ter som, tocar

músicas, gravar e reproduzir sons. Basta adicionar uma placa cujo preço é inferior a 100 dólares e que permite conectá-lo com qualquer sistema de som, amplificadores, caixas de som, microfones, etc. É possível também, com outra placa, captar imagens da TV, gravar em VT imagens geradas pelo computador. Com um modem, que pode ser externo ou interno, é possível usar a linha telefônica, fazer computadores conversarem entre si e acessar bancos de dados de qualquer lugar. Ou comunicar-se com máquinas de fax ou telex. Também não está fora do alcance instalar um equipamento leitor de CD-ROM (Compact Disc — Read Only Memory), que armazena muita informação (uma enciclopédia, por exemplo, que além do texto tem sons e imagens em movimento em vários dos seus verbetes). Isto amplia fantásticamente a capacidade de receber informações.

Ou seja, isto não é o futuro. É tecnologia existente hoje. E o que se está prevendo, para os próximos anos, é aperfeiçoar esta tendência irreversível de interação entre os vários meios. A tal multimídia. Que nada mais é do que juntar numa única coisa aquilo que antes tínhamos guardados em vários armários, gavetas e prateleiras: a máquina de escrever, o telefone, o videocassete, a filmadora, o projetor de slides, a máquina fotográfica, o álbum de fotografias, a discoteca, a agenda, o caderninho de telefones.

Enfim, já que tudo é possível, cada um agora terá que se virar pra descobrir que usos deseja fazer de tais maquiuetas. Acabou-se o tempo dos computadores padronizados prontos para levar. Cada pessoa terá um computador diferente do do seu vizinho. O computador que me serve não servirá para o Scotto e o dele certamente não atenderá às necessidades da Valci e assim por diante.

O show do Jean Paul, portanto, no fim das contas, não trouxe tantas novidades assim. Mas deixou claras algumas tendências. Todas passam pela valorização — por incrível que pareça — dos talentos humanos. O mediocre, usando as novas tecnologias, produzirá bobagens aos borbotões. Mas aqueles que têm o que dizer, que usam ao máximo seus neurônios e processam adequadamente as proteínas, esses, Deus meu, não podem mais se queixar. Podem fazer chover. Mais do que nunca, o céu é o limite. Ou melhor, o único limite é a burrice humana.

**César Valente**

Jornalista e professor de Curso de Jornalismo da UFSC

# Correio vira mercado persa

ZERO - AGOSTO 93

*Jogos de azar estão invadindo as agências e enchendo o saco de quem só quer mandar cartas*



Chaveiro, fotocópias, consertos, raspadinhas e... correios

O slogan "confiança, a gente bota no Correio" é justo. Afinal, os Correios são constantemente apontados nas pesquisas como a entidade em que os brasileiros mais confiam, acima dos políticos, das forças armadas e até mesmo da Igreja Católica. Mas talvez esta posição esteja ameaçada.

Quem vai com frequência às agências dos Correios tem percebido a diferença. A ideia de transformá-las em "bancos de serviços" está transformando-as mesmo em verdadeiras feiras livres. Vende-se de tudo: tele-sena, papa-tudo, raspadinha, carnê do baú da felicidade, cartão postal, ficha telefônica e até uma tal de "ciscadinha da galinha azul".

O pior, para quem vai mandar carta, é que só nas agências maiores existem filas separadas. Nas outras, é preciso enfrentar o grande movimento trazido pela venda dessas loterias. A situação é ainda mais grave nas agências franqueadas. Propriedades de empresários que recebem dos Correios uma comissão sobre o arrecadado, estas agências quase sempre mantêm várias atividades comerciais paralelas: xerox, posto telefônico, banca de revista, chaveiro, vídeo-clube e por aí afora. Tanta diversificação seria bem-vinda se o atendimento correspondesse. Mas, salvo raras exceções, não é isso que acontece.

**Contratos obscuros** — Os números dos negócios feitos entre os Correios e as empresas privadas são sempre envoltos em mistério.

Nos contratos nacionais, como os feitos com o SBT para a tele-sena e com a Globo para o papa-tudo, eles não são divulgados porque tratam-se de acordos individuais. Neste caso, o sigilo é até compreensível. Mas o receio que os donos das agências franqueadas têm de revelar de quanto é a porcentagem que recebem, alegando não estarem autorizados pelos Correios, é injustificável: ela é igual para todos.

Os critérios usados pelos Correios para a escolha dos pontos onde funcionarão agências franqueadas são nebulosos. Não há licitação: os interessados fazem a proposta e os Correios aceitam ou não. Em muitos casos, como o da Copy Cópia, que fica na rua Deodoro, centro de Florianópolis, o caminho é inverso: os Correios é que fizeram a proposta, aprovada pelos proprietários do estabelecimento, que antes era apenas um ponto de cópias xerox.

Nebuloso e envolto em mistérios é também o gerente comercial dos Correios em Santa Catarina, Antônio Carlos Kruehl. Depois de procurado insistentemente pelo telefone durante três dias seguidos (foram mais de dez ligações), ele abandonou uma de suas intermináveis reuniões para informar que "só falava desses assuntos pessoalmente", embora não quisesse marcar horário.

**Olhos azuis** — A solução foi procurar outras fontes. Nada melhor do que os próprios clientes e funcionários da ECT. A estimativa feita por três atendentes de agências diferentes coincidiu: em Florianópolis, já há mais pessoas que vão aos Correios à procura dos jogos de azar do que para enviar correspondência. "Eu só venho aqui para comprar a tele-sena", diz o pedreiro João Moreira, que gastou CR\$ 304 mil em oito cartelas. Na fila atrás dele, só a quinta pessoa queria enviar uma carta.

Uma boa saída para quem gosta de escrever cartas seria guardar selos em casa e usar as caixas de coleta. Mas esta não é uma prática comum. Embora as caixas sejam esvaziadas diariamente, parece que elas não inspiram muita confiança: "só usei uma vez, há três anos atrás, e até hoje a carta não chegou ao destino", conta Maria Luísa Vieira, enfermeira, a quinta pessoa da fila de João.

Bastam alguns minutos em qualquer agência dos Correios para encontrar clientes insatisfeitos com a nova postura da empresa. "É um absurdo que uma entidade antes respeitável vire objeto de enriquecimento de gente como Roberto Marinho e Sílvio Santos", indigna-se o arquiteto João Alberto Fratelli, apontando para um cartaz de onde se sobressaem os olhos azuis de Xuxa, garota-propaganda do papa-tudo.

Maurício Oliveira

## Cabeças pintadas com sonhos e utopias

*Anarco-punks invadem prédio abandonado para criar espaço alternativo*

"Nossa Pátria é o universo, nossa família é a humanidade, nosso Deus é a nossa consciência"

A frase, pintada à mão na camiseta de um jovem de cabelo esquisito, traduz a essência do anarquismo: igualdade entre as pessoas com a abolição de qualquer forma de governo. O cabelo, raspado de um lado, comprido e verde-limão do outro, não deixa dúvida: ele é um anarco-punk.

Os integrantes do movimento anarco-punk de Florianópolis invadiram um prédio da prefeitura, abandonado há mais de um ano depois de um incêndio. São quinze jovens que pretendem criar no local um espaço alternativo para a cultura, dividindo as dez salas que escaparam do fogo com outros grupos underground e de minoria.

Do prédio, que fica na cabeceira de ponte Hercílio Luz, se tem uma paisagem de cartão postal. Animados pelo belo visual, os jovens tratam de demonstrar que anarquia não é sinônimo de bagunça. Estão limpando a nova "sede", onde encontraram móveis de escritórios em bom estado e dezenas de livros didáticos novos, que pretendem doar a uma biblioteca. O ambiente, embora semidestruído, é acolhedor. Quase toda de madeira, a construção faz lembrar um daqueles saloons dos filmes do velho oeste.

**Sonhando acordado** — Os anarco-punks capricham no visual. As roupas, com detalhes em metal e quase sempre pretas, chamam a atenção. Mas o que atrai os olhares mais curiosos são mesmo os cabelos, coloridos, semi raspados ou es-



Eles tomaram dez salas para impor um novo conceito

culpados no estilo Bob Cuspe.

Apesar da aparência excêntrica, a vida dos anarco-punks é normal. "Inclusive tomamos banho", brinca o estudante de história Alexandre Benvenuti, acostumado com reações que quase sempre demonstram medo ou desprezo. Entre os que invadiram o prédio, quase todos são de Florianópolis e têm família. Quem não estuda, trabalha. Ou faz as duas coisas, como David de Souza, 24 anos, servente de pedreiro que está se preparando para o vestibular.

David não pinta o cabelo, que mantém sempre curto, nem mudou o modo de se vestir desde que virou militante anarquista, há cinco anos. Esse tempo foi suficiente para que ele percebesse que a igualdade entre as pessoas é uma utopia. "Sei disso, mas sonhar não custa nada".

Mais jovem, Alexandre mostra-se menos cético. "Ainda há chances das pessoas acordarem", diz, com o entusiasmo que David atribui à sua idade, 19 anos. Este entusiasmo contudo não impede que Alexandre arremate com uma frase carregada de melancolia. "Temos que ter essa esperança para continuar vivendo".

**Ataque Epilético** — Os anarco-punks produzem fanzines (informativos feitos artesanalmente), onde abordam temas polêmicos. Embora o movimento não determine a opinião sobre estes assuntos, tornando-a uma escolha pessoal, as respostas quase sempre coincidem. David e Alexandre, por exemplo, são contra a pena de morte e a favor do aborto, "em respeito ao direito de escolha da mulher". São contra o separatismo, embora repudiem o naciona-

lismo — "somos mesmo é contra as fronteiras". São ateus, "mas sem materialismo exagerado", e não usam drogas. "Nem refrigerante eu bebo", ressalta Alexandre. Fiéis à ideologia anarquista, anularam os seus votos na última eleição.

Nem na música o movimento é rigoroso. Entre os anarco-punks há quem goste desde Beethoven a Chitãozinho e Xororó, passando por bossa nova e blues. Eles também fazem seu próprio som, com bandas como Chute no Saco, Prisioneiros da Consciência, Carne Crua, Lixo Urbano, Coma Alcoólico e Ataque Epilético.

**Policiais ou nazistas** — Elenice Gouvêa, 17 anos, uma das três mulheres do grupo, acha que há muitos outros prédios abandonados na capital que poderiam virar centros culturais alternativos. Essa prática, comum nos países mais liberais da Europa, certamente causaria uma tremenda confusão por aqui.

Talvez boas intenções não bastassem para comover as autoridades. Uma semana depois da ocupação, os anarco-punks perceberam que estavam sendo vigiados. "Tem um Opala que pára todo dia na frente do prédio. Os caras ficam olhando por uns dez minutos e depois vão embora", conta um deles. Se esse carro for da polícia, menos mal para os anarco-punks. Talvez os vigilantes sejam de grupos rivais, como os skinheads, os "cabeças-raspadas" adeptos do nazismo.

Maurício Oliveira



# Comércio da UFSC tem privilégios

AGOSTO 93 - ZERO

*Todos lucram: uns não pagam luz e outros aluguel*

**D**istante dez quilômetros do centro de Florianópolis, a Universidade Federal de Santa Catarina é um lugar perfeito para uma microempresa. Além de um público consumidor de aproximadamente 20 mil pessoas, os estabelecimentos comerciais da UFSC têm a vantagem de não estarem à mercê do mercado imobiliário do país. São bares, restaurantes, salões de beleza e livrarias que pagam apenas as suas contas de luz e água. Em troca do aluguel, os comerciantes devem seguir uma tabela. Os preços são fixados pela Comissão de Fiscalização de Atividades Comerciais da Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária. A cada mês, membros dessa comissão fazem uma média dos preços praticados por estabelecimentos no centro da cidade. Sobre essa média é confeccionada a tabela, cerca de 20% mais barata, que vigora no comércio da UFSC.

Mesmo assim é possível encontrar bares no centro de Florianópolis com preços equivalentes aos dos bares da universidade. Na pastelaria Keko's localizada atrás da catedral, pode-se saborear um delicioso pastel de queijo e presunto pelo mesmo preço do autêntico pastel de vento no bar do Básico.

Há também estabelecimentos que não obedecem à tabela elaborada pela comissão da pró-reitoria.

É o caso do Ponto Natural do Centro de convivência. Ele foi denunciado à pró-reitoria pela prática de preços altos. A denúncia aconteceu em setembro do ano passado, mas só em abril desse ano que a PRAC tomou providências e pediu a revogação da licença do proprietário, Nilo Andrade, para a exploração do ponto. Até julho Nilo não havia recebido a notificação para desocupar o lugar. "O proprietário levou a questão para a justiça e passou a negociar diretamente com o pró-reitor", justifica Luiz Henrique Silva, secretário da comissão da PRAC.

**Negócio da China** — Mas são poucos os que se arriscam a perder seu ponto comercial, desafiando os padrões de preço e serviços es-



Fotocopiadora do DCE é isenta de conta de luz assim como outros 53 pontos de xerox

tabelecidos. Sem preocupação com aluguel, fica muito mais fácil um negócio dar certo. Um posto do correio como o do Convivência, equipado com fax, duas balanças de até dois quilos, máquina de franquia e telefone, precisa de um investimento de aproximadamente US\$10 mil para ser montado. Em compensação com cinco funcionários trabalhando no horário comercial a agência fatura em média US\$ 8 mil por mês. Como pertence ao poder público, os funcionários da agência do Correio não se inibem em dizer quanto ganham ou qual o faturamento.

O mesmo não acontece com os estabelecimentos privados. É o caso da livraria do Convivência.

Administrada pela Fundação do Ensino de Engenharia do Estado de Santa Catarina (Feesc) a livraria possui uma relação peculiar com a universidade. Ao contrário dos outros estabelecimentos, ela não paga luz nem água, só um aluguel, que no mês de julho foi de aproximadamente CR\$ 14,5. Dinheiro suficiente para comprar três chicletes. "Essa quantia é a mesma há mais de um ano", afirma o gerente da livraria Alcides de Ataíde.

**Caráter sigiloso** — Durante a última greve da universidade, a livraria registrou um movimento médio de 20 livros comercializa-

dos por dia. Hoje o gerente garante desconhecer o movimento da livraria e o faturamento é de "caráter sigiloso". "Se a Feesc quiser divulgar esse número é outra coisa, mas eu não estou autorizado a dar esta informação", diz. Procurado pelo Zero, o superintendente da Feesc, Gilberto Klauermann, garantiu não saber o valor do faturamento da livraria. Segundo ele esses recursos, são usados para manter a estrutura da Feesc.

A Fundação é responsável pelo gerenciamento de todos os projetos do Centro Tecnológico da UFSC. Empresas interessadas em desenvolver pesquisas junto à universidade usam a Feesc como uma conta corrente para repassar recursos necessários para os trabalhos. Os mais de 500 projetos do CTC movimentam anualmente cerca de US\$ 3 milhões. De 5% a 10% desse total é destinado à Feesc para cobrir suas despesas.

Para obter a concessão de um ponto comercial na UFSC, uma pessoa precisa enfrentar uma concorrência pública que só acontece quando há a necessidade da instituição. Fora isso, é possível apresentar uma proposta à PRAC para montar seu negócio no campus.

Nesse caso será feito um estudo para saber se a proposta atende as carências da universidade. A comissão de fiscalização pró-reitoria já recebeu propostas para a instalação de lava-rápidos, carrinhos de cachorro quente, máquina de suco no RU e até um bar na rampa da biblioteca. "Não podemos aceitar todas as propostas, para não transformar a universidade numa grande feira-livre", diz Luiz Henrique Silva.

**Xerox privilegiados** — Em desafio a esse controle da PRAC, existem hoje na UFSC, 54 pontos de xerox que não enfrentaram, concorrência pública para obterem seus pontos. A concessão desses locais foi tratada diretamente com os centros onde estão instalados. O xerox do Diretório Central dos Estudantes, por exemplo, fica numa área do Centro de Convivência que pertence ao DCE. Paga pela utilização desse espaço cinco mil cópias, cerca de CR\$ 10 mil

em julho, ao diretório. Já o Curso de Jornalismo recebe a cota de seis mil xerox por mês em troca da utilização da sala do seu Cento Acadêmico para este trabalho. "Esses pontos são antigos, existem há mais de 10 anos. Teríamos muito trabalho para removê-los de uma vez", explica o presidente da Comissão de Fiscalização, Luiz Henrique Verani.

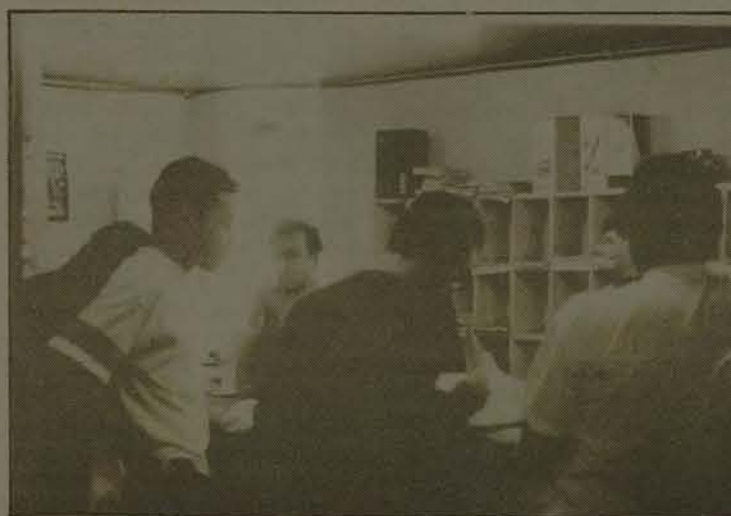
As principais diferenças entre os xerox da UFSC e do resto da cidade são: não têm despesas de luz, sendo a conta do estabelecimento computada na conta do centro onde está instalado. Seus empregados geralmente não têm carteira assinada, suas instalações elétricas não são adequadas, não, possuem equipamentos de segurança como extintores e os locais de trabalho são altamente insalubres.

Mas as irregularidades não param por aí. Há casos de funcionários da própria universidade que são como donos desses pontos. Essa situação ilegal pode ser flagrada na fotocopiadora do Bar da Nina do Centro Tecnológico. Lá o proprietário João Silveira, além de administrar o estabelecimento com duas máquinas de xerox, ainda arranja tempo para ser o chefe da segurança do H.U. nas horas vagas.

Mariano Senna

## Professor da UFSC e ex-aluno são premiados

A Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina entregou no dia 12 de agosto, o prêmio Fiesc de Jornalismo Econômico. Felipe Soares, da revista Expressão e ex-aluno do Curso de Jornalismo da UFSC, venceu na categoria *Mídia Impressa*. Felipe levou o prêmio com a reportagem "Despertar da Babilônia", feita em parceria com Vladimir Brandão (aluno do Curso de Jornalismo da UFSC), publicada em junho do ano passado. A Fiesc também entregou uma menção honrosa a Carlos Locatelli, jornalista e professor de Jornalismo na UFSC, pela matéria "Largada Ecológica", realizada com a colaboração de Felipe Soares e Belmiro Sauthier, também publicada na revista Expressão, na edição de maio de 92.



Fotos: Diógenes Botelho — Zero

Fotocopiadora do bar da Nina, administrada por um funcionário



Convite ao pastel de vento e empanadas só de massa 13

# Entupida de tecnologia emissora esquece ética

*Luta por pontos de audiência provoca a baixaria exótica na televisão de Sílvio Santos*

“Cidadão Kane”, a estréia do americano Orson Welles como diretor, é tido como o melhor filme de todos os tempos pela crítica mundial e pelo cachorrinho Snoopy. Literalmente “bisbilhoteiro”, o beagle criado pelo também americano Charles Schultz frequenta todos os dias as páginas de jornais do mundo inteiro e, embora um simples personagem de quadrinhos, tem seu império de fama, merchandising e dólares.

Mas um jornal não vende só por causa de suas tiras diárias. Ele tem notícias e, a priori, é isso que o leitor procura. Novidades, fatos que quase sempre são considerados verdades irrefutáveis. O público quer o exótico, qualquer coisa que lhe roube a banalidade do cotidiano. Charles Foster Kane sabia disso já em 1941 (ano de lançamento de “Cidadão Kane”) e usava seu jornal, o “Inquirer”, como ponta para catar dividendos e influência com o módico valor impresso na primeira página.

Na década de 70, consagra-se outra mídia, mais espetacular que a imprensa: a televisão. “Rede de Intrigas” (Sidney Lumet, 1976, EUA) mostra seus bastidores. Neles, transforma-se em pouco tempo um apresentador suicida em showman número um do país. Os dirigentes da estação de TV manipulam dados e informações em busca de maior audiência. Cada novo ponto conquistado significa milhares de dólares no setor comercial. Nessa guerra surda e calculista todos os envolvidos parecem estar prestes a apertar o botão da “Fat Boy”.

É claro que o Brasil não fuge desse circuito. Na nação technicolor Pal-M de dentes cariados, a busca por maior audiência (ou maior número de jornais vendidos por dia) é notória. Vale tudo, principalmente a dramatização do dia-a-dia ou a exacerbação do exótico. Em meados de julho, uma garota de 16 anos prostar-se em São Paulo, demarcando tempo e coragem para concretizar o suicídio. Eis que surgem câmeras e microfones do “Aqui Agora”, telejornal do SBT que “mostra a vida como a vida é”, prontos para registrar mais um furo de reportagem. A garota joga-se edifício abaixo e o jornalismo vibrante do “Aqui Agora” nada deixa escapar. Kane precisaria de muito mais para conseguir o mesmo impacto no seu fictício “Inquirer”. Em “Rede de In-

trigas”, mata-se o ex-suicida ao vivo para cinquenta estados americanos — o poder da imagem é gigantesco superior a palavras impressas ou da figura do Snoopy encarnado no Barão Vermelho, abatendo aviões durante a primeira guerra. Os picos de audiência da emissora do Cidadão Kane tупiniquim o fazem sorrir (o que não é muito difícil para Sílvio Santos).

“Somos todos imbecis”, comenta dias depois um articulista da “Folha de São Paulo” publica no dia 14/07/1993 uma reportagem sobre o assunto; “A morte é o limite” tenta mostrar onde fica o ponto exato da dosagem de violência que a TV pode mostrar. E até que limite a TV pode invadir a privacidade e “provocar mortes”, segundo alguns? A questão é a espinha dorsal de “O Poder da Imagem” (Peter Werner, EUA). Um jornalista divulga o envolvimento de um banqueiro do Texas num rombo financeiro. O banqueiro suicida-se quando se vê acuado e é — inocente!

“Somos todos idiotas, assistimos a um telejornal idiota”, na concepção do articulista da “Folha”. Acrescentável: somos impotentes indignados com o óbvio. Entupimos nossas emissoras com o supra-sumo da tecnologia e esquecemos regras básicas de direito à privacidade, caráter e ética profissional. Se existisse de verdade, a personagem de Faye Dunaway em “Rede de Intrigas” (uma diretora de jornalismo desesperada por fatos incomuns propícios para levantar a moral de seu programa) mudaria de profissão. Charles F. Kane trancafiaria-se em Xanadu. Ou ambas as histórias seriam reescritas a favor de um sensacionalismo mais barato e vulgar. Em matéria de espetáculo mórbido dirigido a milhares de pessoas, nenhum veículo televisivo superou a “ousadia” do SBT nos últimos dois meses.

Só que isto é uma questão menor para quem a comanda. O que atença sua perspectiva é a reação do público-alvo de seu produto. O espectador ingênuo citado pelo semiólogo italiano Umberto Eco considera notícia dada como notícia esquecida (entenda-se como espectador ingênuo aquele que não contradiz informações, é carente de referenciais anteriores e cuja capacidade de retenção é quase nula). Amanhã tem mais circo. E os produtores empenham-se neste bombardeio dramático. Para o “Aqui Agora” não há limite, nem censura, nem autocensura. As outras emissoras brasileiras pisam com cuidado o terreno da ética quando o assunto é o que a TV pode mostrar sem agredir seus telespectadores. O SBT flutua acima disso tudo. Seu negócio é audiência — e espaço publicitário caro, disputado a tapa por “anunciantes imbecis destinados a um público imbecil”.

Fabiano Melato

ZERO - AGOSTO 93



## New York inspira obra de Scotti

O professor Luis Scotti, do Curso de Jornalismo, lança dia 2 de setembro (quinta), a partir das 18h30min, na Livraria Catarinense (Deodoro 22, centro de Florianópolis), o romance *46th Street, o caminho americano*. O livro integra a coleção Circo de Letras, da Brasiliense, e conta um pouco da vida dos brasileiros em New York, onde o autor viveu de 1982 a 85. A idéia de escrever surgiu quando na 42th Street com Avenida das Américas viu um sujeito chorando junto a uma pracinha com a estátua do brasileiro José Bonifácio. “É um lugar cheio de pobres e vagabundos e aquele cara me deu um desânimo dos diabos. Cinco minutos depois desisti do livro, mas levei quase três anos para desistir de New York”, lembra. Anos depois, já em Florianópolis, voltou a pensar no livro quando viu na televisão manifestações a favor do impeachment do então presidente Collor. A TV também mostrava as manifestações na 46th Street.



Daniele Lopes: suicídio para audiência de 3,2 milhões

trigas”, mata-se o ex-suicida ao vivo para cinquenta estados americanos — o poder da imagem é gigantesco superior a palavras impressas ou da figura do Snoopy encarnado no Barão Vermelho, abatendo aviões durante a primeira guerra. Os picos de audiência da emissora do Cidadão Kane tупiniquim o fazem sorrir (o que não é muito difícil para Sílvio Santos).

“Somos todos imbecis”, comenta dias depois um articulista da “Folha de São Paulo”

A espetacularização promovida pelo SBT provoca críticas negativas em toda a mídia brasileira considerada (por quem?) “séria”, enquanto o comentário em todos os círculos nacionais é um só: e se o “Aqui Agora” não estivesse cobrindo o suicídio, ele teria se concretizado? Uma amiga da suicida revela que “foi a maconha que a matou”, aliás, foi essa mesma garota que contactou a redação do telejornal para a cobertura do acontecimento. A revista semanal “Veja”

# Monopólio da Globo criticado em vídeo



AGOSTO 93 - ZERO

Desde a segunda quinzena do mês de junho o documentário *Brazil: Beyond Citizen Kane*, produzido pelo Channel 4 (Inglaterra, 1h40), e que traça um perfil sobre a rede Globo e o poder que ela exerce no Brasil, vem sendo exibido em inúmeros locais de Florianópolis, entre outras cidades.

O vídeo, produzido por Simon Hartog, levou oito anos para ser feito. Foi finalizado em fevereiro de 1992, mas só recentemente pôde ser exibido na TV inglesa. Aqui no Brasil, o primeiro a exibí-lo foi o Museu da Imagem e do Som (MIS) de São Paulo. O motivo destes 15 meses de "geladeira" foram as ameaças da rede Globo em processar os responsáveis pela sua produção.

*Brazil: Beyond Citizen Kane* coloca todas as opiniões na boca dos entrevistados. Chico Buarque é quem dispara a frase que vai dar título ao vídeo: "Eu acho que ele (Roberto Marinho) é mais poderoso que o Cidadão Kane". Além das entrevistas, o vídeo utiliza muito os contrastes da vida brasileira, e deixa que o telespectador tire as suas próprias conclusões, como na seqüência na qual mostra Xuxa cantando "todo mundo tá feliz, lá, lá, lá..." entrecortada por imagens de crianças em favelas.

O documentário cita quatro momentos políticos importantes na história do País nos quais houve manipulação de informações pela Rede Globo. O primeiro é o movimento dos metalúrgicos em 79. Armando Nogueira lembra que a Globo proibia o uso de som local, para evitar que as lideranças fossem ouvidas. O segundo exemplo é a eleição de Brizola para governador do Rio, onde a Globo manipulou as pesquisas pré-eleitorais. Depois veio o movimento "Diretas Já", onde a Globo comentou o comício da Praça da Sé como se fosse ape-

nas mais um evento do aniversário de São Paulo. E por último o compacto com os "melhores momentos" do último debate à eleição presidencial de 89, peça extremamente importante na vitória de Collor.

O documentário termina de maneira punk, com baratas devorando o símbolo da Rede Globo, ao som de "a televisão me deixou burro, muito burro demais...".

*Geladeira paulista* — O MIS, cenário das duas primeiras apresentações do documentário em solo brasileiro, no dia 27 de maio, foi também palco de um forte jogo de pressões políticas que tentaram impedir

próprio empresário Roberto Marinho. Fleury se defende, dizendo que a fita era pirata, e que "quem proibiu foi o MIS".

Mas o veto, denunciado pela imprensa, acabou se transformando na maior promoção que o documentário poderia ter. Após o episódio, ele passou a ser exibido em sindicatos, bares, associações, universidades, em sessões geralmente seguidas por debates sobre o monopólio das comunicações no Brasil.

Os próximos meses poderão trazer algumas batalhas jurídicas em torno do documentário. O deputado federal Luiz



Chico: "acho que ele é mais poderoso que o Cidadão Kane"

a continuidade das exibições. Duas sessões foram canceladas, sob alegação de que a fita estava danificada.

Na verdade as fitas — aquela que seria exibida e as duas cópias do acervo do MIS — foram confiscadas por ordem do secretário da Cultura do Estado de São Paulo, Ricardo Ohtake. Segundo Geraldo Anhaia Mello, coordenador de vídeo do MIS, a ordem partiu diretamente do governador Luiz Antônio Fleury Filho, que "estava p. da vida, dando murros na mesa", e a pedido do

Gushiken (PT/SP), irá anexar uma cópia do documentário, que apresentou na Câmara, como prova auxiliar de uma representação junto à Procuradoria-geral da República, a qual diz que o monopólio da Rede Globo fere o parágrafo 5º do artigo 230 da Constituição. Para o deputado, a Globo estaria tentando comprar o documentário do Channel 4, e assim, poder impedir a sua exibição no Brasil e no mundo.

Silvio Pereira e Alessandro da Silva

## Jornalismo produz para TVE

Pela primeira vez, alunos do Curso de Jornalismo da UFSC fizeram cobertura de um evento para uma rede nacional de televisão. As alunas da terceira fase Meire Bertotti e Sheila Deretti, junto com o cameraman Roger Gnecco do Laboratório de Vídeo cobriram o XI Festival de Dança de Joinville para o *Jornal 6:30* da TV Educativa.

A oportunidade surgiu de um acordo feito entre o reitor Diomário Queiroz e o produtor Wagner Correia de Araújo da TVE do Rio de Janeiro. O diretor do Centro de Comunicação e Expressão, Sérgio Mattos se encarregou de conseguir pessoal e equipamentos necessários para a cobertura.

Foram seis dias de muito trabalho e correria. Além das reportagens feitas durante o dia e a noi-

te, a equipe enviada pela UFSC teve que fazer também a edição.

Isto porque o horário de geração do material, ficaria muito próximo do horário de transmissão do jornal. Apenas uma hora antes. Todo trabalho de edição foi feito durante as madrugadas numa das três ilhas da RBS de Joinville. A geração das matérias, já editadas, acontecia todos os dias à tarde, também na RBS.

O resultado da cobertura foi uma série de matérias que serão usadas também num especial sobre o Festival. Desta vez será numa edição do programa *Curto Circuito* que vai ao ar todas as sextas-feiras às oito e meia da noite pela TV Educativa.

O produtor Wagner Correia

ficou satisfeito com o trabalho da equipe. Tanto que prolongou a estadia dos três até o encerramento do Festival, pagando todas as despesas de hotel, alimentação e transporte. A equipe também ficou satisfeita.

O que a UFSC espera com este trabalho é a concessão de um canal de televisão para a Universidade. As chances se expandem, mostrando que os alunos do Curso de Jornalismo têm competência e profissionalismo para produzir programas. O mesmo canal de TV está sendo disputado pela Udesc, Universidade para a o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

Meire Bertotti

## Canal ZERO

### Telejornais em SC dão sono

Fazer televisão em Santa Catarina parece fácil. Pelo menos é esta a conclusão quando se assiste aos telejornais das quatro emissoras locais. Programas que trazem de tudo: caras novas, técnicas nem tanto. Assuntos requeentados, apresentadores superestimados. Um belo exercício para sentir o efeito destes ingredientes sobre a cabeça do telespectador, é assistir a quatro telejornais diferentes, em horários variados.

Comece ligando a tevê às 7h30min, na RCE. Prepare-se: você vai perceber o quanto é possível aproveitar mal um horário privilegiado. O "Jornal da Manhã" - ou seria "Fala Santa Catarina 1ª Edição" - poderia ter outro nome, muito mais adequado. Que tal, "Como encher uma hora com entrevistas enfadonhas". Pois é bem isso. Além de dar sono em quem se submete à tortura, o telejornal estica ao máximo as poucas e invariavelmente obscuras virtudes dos também obscuros entrevistados. A sensação é a de que não há ninguém mais importante ou assuntos mais relevantes nas pautas. Uma pena...

E por falar em pena, depois de ter a manhã trabalhando, você chega em casa ao meio-dia e liga no SCC. O nome é oportunista: "TJ O Estado". Claro, com a qualidade do TJ Brasil, do Casoy, a pretensão, imagine-se, tenha sido a de estabelecer um parâmetro com o TJ do Damiani. O apresentador já teve seu tempo de pioneiro. Foi marco na história da TV catarinense. Mas poderia ter se atualizado. Menos empostação na voz. Leitores de notícias eram bons para o repórter Esso. Hoje, queremos âncoras. Da apresentadora, pouco se observa. Ou melhor, pouco de sua "competência" pode ser visto. O que mais aparece na tela são as imensas golas das camisas, em modelitos de gosto duvidoso. Um detalhe: será que ela é jornalista? Tem registro profissional? Se não, está perdoadada. Mas nunca livre da fiscalização da DRT.

Ufa!! Volte ao trabalho. Só ligue a TV em casa, no início da noite, para relaxar. Tente, então, assistir ao "Jornal Barriga Verde 2ª Edição". Procure manter a técnica da comparação. Como? Eu explico: se há um TJ Brasil e um TJ O Estado, há igualmente um jornal Bandeirantes (com a brilhante Marília Gabriela) e um jornal Bandeirantes local (com o Silvio Loddi). Certo? Errado. Tanto neste último quanto no primeiro, o parâmetro é impossível de ser estabelecido. Por quê? Pelo simples fato de que Gabriela não apenas lê e comenta notícias, mas lê e comenta boas notícias. Já Loddi apenas lê, e lê péssimas notícias. Não no conteúdo, mas na forma. É louvável o esforço do apresentador, que consegue dar destaque aquilo que não merece. O que, então, mereceria destaque? Bom, perguntem ao pauteiro. (Acho que ele não saberá responder).

Já jantou, já leu seu livro, já conversou com todos em casa e está pronto para dormir? Não, espere um pouco mais. Fique de olho na programação da RBS. A qualquer momento pode entrar no ar o telejornal da emissora. Vamos chamá-lo de "O último a dar as primeiras" - de anteontem. Sim. O "Jornal da RBS" consegue o que nenhum outro faz: esquentar notícias do fundo da gaveta e fazê-las parecer extremamente factuais. Mais: Paulo Alceu veio para Florianópolis com o título de o mais novo âncora da TV estadual. E o manteve. Nada mais afunda um telejornal quanto um âncora feito Alceu. Sem voz convincente, ele grita. Sem informações consistentes, ele dá lições de moral. Ora, âncora não é padre. Não é leitor de histórias infantis. Não é professor de Moral e Civismo. Ancora, senhores, é jornalista bem informado. E estamos conversados.

Aureo Moraes

Jornalista e professor do Curso de Jornalismo da UFSC



O jornalista Gilberto Dimenstein, chefe da sucursal de Brasília da Folha de S. Paulo, afirma que "Brasília é uma fábrica de boatos e mentiras", onde cada informação deve ser checada várias vezes. E difícil ser repórter na capital porque "todos mentem o tempo todo, até políticos sérios e honestos". Dimenstein é também co-

lunista e repórter da Folha. Algumas de suas reportagens investigativas se transformaram em livros, como "A guerra dos meninos" e "Meninas da Noite", que retratam a problemática dos menores no Brasil. Ganhador dos prêmios Esso de Jornalismo de 88 e 89, este ano Dimenstein foi indicado para o

prêmio Príncipe das Astúrias, condecoração concedida pelo governo espanhol que já premiou personalidades como Mikhail Gorbachov e Nelson Mandela.

Formado em jornalismo e sociologia, Dimenstein iniciou na profissão há 20 anos, na revista Shalom. Depois foi para

o Globo, Última Hora, Visão, Correio Braziliense, Jornal do Brasil e Veja, até chegar à Folha, em 1985.

Dimenstein foi o quinto convidado do projeto Memória do Jornalismo e concedeu esta entrevista ao Zero, onde fala de sua carreira, da política e da imprensa no País.

# Todos mentem, até os políticos honestos



Ana Carine — Zero

"Itamar está a serviço da burrice... eu insulto mesmo"

ZERO AGOSTO 93

**Z**ero — Você é jornalista há 20 anos. Que transformações ocorreram na imprensa?

**Dimenstein:** A imprensa ficou mais investigativa, mais independente. Até a eleição passada do Collor, apenas a Folha de S. Paulo era um jornal investigativo. Os outros jornais todos estavam omissos ou entraram naquele "oba-oba" da campanha collorida. O que mostrava um nível de indignação muito grande na imprensa brasileira. Seria inadmissível nos Estados Unidos que você tivesse um candidato preferencial à presidência da república e ele não fosse investigado de cabo a rabo. Se o Collor foi presidente, foi, entre outros motivos, porque a imprensa não soube cumprir o seu papel. Acontece que dois anos depois veio o impeachment e houve quase uma recuperação dessa falha da imprensa brasileira. E aí a imprensa deu um grande salto investigativo, e na próxima eleição presidencial dificilmente vai acontecer o que aconteceu em 89. Dificilmente um único jornal vai ser o campeão da investigação, deixando os outros jornais apenas como observadores passivos. Eu acho que a principal transformação da imprensa é a generalização de forma acelerada da independência não mais como um fator ético, mas como fator técnico.

O que é que eu quero dizer com fator técnico: um jornal não é bom só pelas fotos boas ou ruins que ele apresenta, pela diagramação boa ou ruim, pela notícia bem ou mal escritas, mas pela imagem de independência que ele passa ou não. Passa a ser a qualidade do produto, e não mais uma discussão idealista, que você tem que ser independente, que a independência é fundamental para manter os princípios... Não, a discussão é outra: sem independência sai um produto ruim e o leitor não compra. Assim como uma pessoa não compra um requeijão que tenha um ponto preto dentro, você não compra um jornal que não seja independente. É isso que explica o sucesso da Folha e de outros jornais, em lugares onde a imprensa ainda é muito atrelada aos governos, que são as imprensas regionais. Acho que a independência não chegou nesses lugares. A Folha, por exemplo, aqui em Santa Catarina, é o segundo jornal mais vendido ou está muito próximo do segundo mais vendido, competindo com o jornal local. Isso acontece em Brasília, isso acontece no Paraná, e vai contaminando a forma de se fazer jornal, vai dando uma tendência. Essa foi a grande modificação que eu vi.

**Zero — Você chegou a exercer a atividade de repórter, ou sempre foi articulista?**

**Dimenstein:** Eu sempre fui repórter. Ser repórter sempre foi a essência pra mim. Eu não consigo deixar de ser repórter. Eu fazia outras coisas porque, às vezes, dava mais dinheiro. Mas eu sempre fui repórter. A minha coluna na Folha de S. Paulo é uma coluna de repórter. É de alguém que vê e, a partir do que vê, do que investiga, escreve.

**Zero — Você trabalhou em São Paulo e Brasília. Qual a diferença?**

**Dimenstein:** A experiência marcante mesmo foi Brasília. Eu virei jornalista em Brasília. Em São Paulo foi apenas um "esquentar de motores". Em São Paulo foi onde eu tive a minha formação cultural, religiosa, foi onde eu conheci os primeiros personagens de quem comecei a absorver a ética jornalística, a importância da independência. Mas o meu trabalho mesmo foi em Brasília, que é uma cidade que, se você está disposto a fazer reportagem, ela te dá muitas coisas. Porque Brasília tem um lado que é muito oficial, que se você conseguir manter distância, você gera produtos muito interessantes. E eu senti que a reportagem em Brasília é muito mais competitiva, inclusive devido ao excesso de sucursais. Eu sentia que em São Paulo era mais burocrático o trabalho. Só que Brasília era uma

cidade que, quando eu estava em São Paulo, era muito mais burocratizada na parte da imprensa. E quando eu fui pra lá presenciei essa mudança da cidade. Na época tinha até a idéia de que Brasília era chapa branca, e até hoje alguns setores ainda acham isso. Mas hoje não é o que acontece, hoje ela é uma imprensa de alto nível. Eu tenho a chance de conversar com jornalistas estrangeiros do New York Times, do Washington Post, e eles elogiam muito a imprensa de Brasília pelo vigor investigativo.

**Zero — Qual a sua opinião sobre o diploma de jornalista?**

**Dimenstein:** Eu sou a favor da faculdade e contra o diploma. Eu sou a favor de que a faculdade seja tão boa, tão boa, mas tão boa que as pessoas que quiserem ser jornalistas, sintam-se forçadas a fazer faculdade. Se a faculdade não conseguiu se justificar por isso, acho que ela não tem justificativa. Eu acho que existem profissões diferentes. Você

**"Collor foi eleito presidente porque a imprensa não soube cumprir o seu papel"**

não pode comparar a profissão de médico com a profissão de jornalista, embora as duas sejam igualmente importantes. Você não pode comparar a profissão de engenheiro com a profissão de jornalista, e também não pode comparar a profissão de jornalista com a profissão de poeta, de cantor, de pintor. Você não pode limitar que as pessoas se agreguem à profissão numa época em que cada vez está mais segmentada. Se um médico ou um advogado quissem ser repórteres, seria uma grande conquista que a gente faria, desde que melhorasse o nível do jornal, e eu acho que pode melhorar. O diploma cria uma reserva de mercado que não colabora com a atividade, pode até ajudar os jornalistas, mas não ajuda o jornal. Quando a faculdade é realmente boa, baseada em jornais laboratório, num bom currículo, acho que o mercado tende a absorver essas pessoas. Se ela não for boa acho que acaba só justificando uma reserva de mercado.

**Zero — Quanto à questão do ensino do jornalismo, você é a favor de uma formação jornalística diversificada**

**ou especializada?**

**Dimenstein:** Sou a favor de uma formação humanística básica. A pessoa quando vai ser jornalista tem que ter a clareza do seu papel, sou a favor de que a pessoa conheça filosofia, sociologia, história, português. Antes tem que ter uma boa base. A tendência é você ter uma visão especializada também, mas não se pode deixar de conhecer e refletir sobre o mundo. Mas acho importante que a pessoa conheça medicina, informática... Tem que ir com o tempo se especializando como é a tendência mundial.

**Zero — O Jânio de Freitas escreveu que a imprensa vive atualmente uma crise ética ao desrespeitar políticos de valor com agressões e insultos. Ele cita, por exemplo, o presidente Itamar Franco que tem 40 anos de vida pública e nunca se envolveu em escândalos. Você concorda?**

**Dimenstein:** Eu acho que o presidente Itamar, até onde eu posso ver, é um político honrado. Mas é um irresponsável, né? Eu não acho isso um insulto. Acho que ele é um irresponsável, uma pessoa sem qualificação, e usa a mediocridade a serviço da burrice e a burrice a serviço da mediocridade. Eu insulto mesmo, se isso for insulto, eu insulto mesmo. Agora, eu concordo com o Jânio no sentido de que na parte ética, moral, existe essa crise. Mas é um absurdo ver que um presidente que assumiu com todas as condições de fazer uma grande presidência tenha escolhido um ministério medíocre, tomado posições medíocres, retardando numa solução nacional a troco de nada.

**Zero — Será que o Brasil é viável com Itamar Franco na Presidência, Inocêncio de Oliveira na Câmara e Antônio Carlos Magalhães como candidato a líder da oposição?**

**Dimenstein:** Não, com esse pessoal não. Mas o Brasil é viável. O Brasil é um país abençoado, não tem guerras internas, não tem guerras externas, não tem conflitos regionais, não tem conflitos religiosos, tem terra, tem água, tem sol, tem parque industrial, tem avanço tecnológico na área de telecomunicações. Eu acho que se o Brasil fosse uma grande Santa Catarina eu seria uma pessoa feliz, sinceramente. Acho que aqui tem muitos problemas, mas para quem está acostumado a ver o Nordeste... Eu acho que o projeto do Brasil deveria ser uma grande Santa Catarina. Santa Catarina é um lugar viável. Certamente tem problemas, mas não tem as disparidades que tem o resto do país.

**Entrevista: Luiz Fernando Pereira**